



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADEMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MONIZA DARK MENDES DE LIMA

**O LEITOR LITERÁRIO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO: A INTERAÇÃO
ENTRE ALUNO E TEXTO A PARTIR DE CONTOS DE MISTÉRIO.**

SERRA TALHADA – PE

2019

MONIZA DARK MENDES DE LIMA

**O LEITOR LITERÁRIO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO: A INTERAÇÃO
ENTRE ALUNO E TEXTO A PARTIR DE CONTOS DE MISTÉRIO.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida

SERRA TALHADA – PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

L732l Lima, Moniza Dark Mendes de

O leitor literário no primeiro ano do ensino médio: a interação entre aluno e texto a partir de contos de mistério / Moniza Dark Mendes de Lima. – Serra Talhada, 2019.
65 f.

Orientadora: Maria do Socorro Pereira de Almeida
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.
Inclui referências.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Letramento literário. I. Almeida, Maria do Socorro Pereira de, orient. II. Título.

CDD 400

MONIZA DARK MENDES DE LIMA

**O LEITOR LITERÁRIO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO: A INTERAÇÃO
ENTRE ALUNO E TEXTO A PARTIR DE CONTOS DE MISTÉRIO.**

Monografia apresentada e aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE/UAST)
(Orientadora)

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE/UAST)
(Examinador 1)

Prof. Dr. Nefatalin Gonçalves Neto (UFRPE/UAST)
(Examinador 2)

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Valdelicio e Maria Silvina, por me apoiarem com seu carinho e amor durante toda essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por iluminar meus passos e me permitir ter forças para seguir lutando pelos meus sonhos.

Agradeço aos meus queridos pais, Valdelicio e Silvina, por me incentivarem nessa jornada e me ensinarem que mesmo quando o caminho é difícil e cheio de empecilhos não podemos desistir.

Agradeço a minha amada irmã, Monique Mendes, por me apresentar o mundo literário na infância e me incentivar a cursar Letras.

Agradeço as minhas amigas Alanna, Amanda e Mariana, que desde o ensino médio me deram os melhores abraços de apoio e me fizeram acreditar que um dia eu poderia ser uma professora.

Agradeço as minhas amigas de graduação, Maria Gabriela por me apoiar em todos os momentos de insegurança e não me permitir desistir, à Gicele Geneale por segurar minha mão desde o início do curso e me ajudar nos momentos mais difíceis, à Clara por sempre levantar meu astral quando tudo parecia estar desmoronando e a Izabel Cristina, que em todos os momentos durante a produção desse trabalho esteve ao meu lado, me dando forças e dizendo que conseguiríamos. Obrigada meninas, sem vocês ao meu lado durante esse caminho eu não estaria aqui.

Agradeço aos meus colegas de sala, em especial João, Aline e Érica pelo apoio e solidariedade nos momentos de dificuldade que vivenciamos durante esses quatro anos e meio de curso, sem dúvidas a união nos permitiu ter força para chegar ao fim dessa graduação.

Agradeço a minha prima, Vitória, por toda paciência que teve comigo nesses últimos dias de finalização dessa pesquisa e por me dizer todos os dias que iria dar certo.

Agradeço a CAPES, que por meio do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Programa de Residência Pedagógica (PRP), possibilitou meu contato com a sala de aula em um momento crucial da minha formação acadêmica.

Agradeço as minhas companheiras do PIBID, Auxiliadora, Dayane, Emanoela e Hilda, pelas experiências trocadas e pelo acolhimento durante a minha passagem pelo programa.

Agradeço aos meus colegas do PRP Edwilson e Jennifer, por me ajudarem nesses últimos meses e tornarem meus dias mais alegres.

Agradeço ao professor Sérgio Douglas, por me proporcionar as melhores oportunidades e experiências em sala de aula, que me permitiram encontrar meu caminho enquanto professora em formação.

Agradeço aos professores do curso de Letras da UFRPE-UAST, por compartilharem seus conhecimentos e experiências das melhores formas possíveis.

Agradeço a minha professora e orientadora, Maria do Socorro Pereira de Almeida, por reacender por meio das suas aulas, a minha paixão pela literatura e por aceitar me orientar na construção desse trabalho.

Agradeço a todos que de alguma forma me apoiaram durante o meu processo de formação docente.

Ele continuou a ler e nós, a escutar. Levou algum tempo para parar, mas, quando ergueu os olhos, nós estávamos paralisados pelo silêncio. O fluxo de palavras tinha terminado. Vagarosamente, voltamos aos nossos corpos e às nossas vidas.

Lloyd Jones, O Sr. Pip

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as causas do afastamento do aluno do Ensino Médio do texto literário e refletir sobre a importância desses textos na interação entre aluno e obra, para que assim possamos estabelecer métodos, que contribuam para a aproximação do aluno com as narrativas, por meio da leitura e análise de contos de mistério, para despertar o interesse desse público leitor à leituras mais complexas a exemplo de romances. Desta forma, se fez necessário compreender como se deu o processo de escolarização da literatura e como ela é trabalhada na escola nos dias atuais, problematizando os empecilhos no desenvolvimento do letramento literário e destacando algumas das especificidades do aluno iniciante dessa fase escolar. Adotamos os contos de mistérios “As Formigas” e “Venha ver o pôr do sol”, da autora brasileira Lygia Fagundes Telles, como indicação de leitura a ser feita em sala de aula com esse público iniciante, pois compreendemos que esse tipo de narrativa possibilita o desenvolvimento de um trabalho que permite aos educandos compreender as características de um texto narrativo, a fim de proporcionar uma experiência de leitura capaz auxiliar na formação do aluno enquanto leitor e encanta-los. Se fez necessário uma abordagem sobre o conto e suas características narrativas para que melhor pudéssemos analisar os contos acima citados. Essa pesquisa é definida como bibliográfica e nos embasamos nos estudos de autores como Almeida (2014/2018), Cadernatori (2009), Candido (2004), Carvalho (2017), Cortazár (1993), Cosson (2006), Gotlib (2006), Moisés (2006), Zilberman (2009) dentre outros, visando compreender como o ensino de literatura e o trabalho com os textos literários é desenvolvido e pode ser modificado por meio de propostas que envolvam o letramento literário com o auxílio dos contos de mistérios. Dessa forma, percebemos a importância do trabalho com textos no processo de leitura e de interação entre aluno e obra literária.

PALAVRAS-CHAVES: Contos; Leitor Literário; Letramento Literário; Mistério.

ABSTRACT

This paper has as purpose to identify the causes of the distance of the student from High School of the literary text and think about the importance of these texts in the interaction between student and book, so that we can establish methods that contribute to the approximation of the students with the narratives by the Reading and the analyze of mystery tales to stimulate the interest of these readership to readings more complex, for example a novel. That way, it was necessary to comprehend how the process of the schooling of Literature was and how it is worked at school in now days, problematizing the obstacles of the development of the literary literacy and highlighted some of the specificities of the beginner student of that school time. We adopted the mystery tales “As Formigas” and “Venha ver o pôr do sol” by the Brazilian author Lygia Fagundes Telles, as indication of reading to be done in the classroom with this beginner public, because we comprehend these types of narratives allow the development of a work that permits the learners comprehend the characteristics of a narrative text, in order to provide an experience of reading able to assist the student’s formation while reader and captivate them. It was necessary an approach about the tales and its narrative characteristics, so we could analyze the tales previously mentioned better. This paper is defined as bibliographic and we based in in the studies of the authors like Almeida (2014/2018), Cadernatori (2009), Candido (2004), Carvalho (2017), Cortazár (1993), Cosson (2006), Gotlib (2006), Moisés (2006), Zilberman (2009) among others, aiming to comprehend how the Literature teaching and the work with literary texts are developed and can be modified by the proposal that concerns the literary literacy with the help of mystery tales. This way, we realized the importance of the work with texts in the process of reading and the interaction between student and literary book.

KEY-WORD: Tales; Literary Reader; Literary Literacy; Mystery.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	15
1. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO, ALGUMAS PONDERAÇÕES	15
1.1 Algumas Especificidades do Iniciante do Ensino Médio	23
CAPÍTULO II	30
2. O CONTO E A ESCOLA	30
2.1 O conto: conceitos, especificidades tipo e algumas ponderações.....	34
2.2 O conto de mistério, porque ele encanta?	41
CAPÍTULO III	45
3. QUAIS E COMO OFERECER OS CONTOS DE MISTÉRIO	45
3.1. Breve análise dos Contos	45
3.1.1 Primeiro conto	46
3.1.2 Segundo conto	51
3.2. Encontrando um Caminho	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

A literatura enquanto disciplina escolar faz parte dos componentes curriculares do ensino médio brasileiro. O fato de ocupar um espaço obrigatório nessa etapa de conclusão do ensino básico, muitas vezes, acaba por distanciar o aluno do texto literário, pois o trabalho com as obras passa a ter outros objetivos que não envolvem a leitura como uma forma de apreciação e compreensão das narrativas artísticas.

Dessa forma, a literatura passa a ser entendida pelos alunos como uma disciplina com um fim específico e não como parte importante na sua formação crítica e social. O trabalho com o texto literário, geralmente, é desenvolvido de forma metódica, impossibilitando a formação de leitores letrados literariamente e que vejam a leitura como um processo importante da formação educacional.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da relevância do texto na interação entre aluno e obra, especialmente no primeiro ano do Ensino Médio a partir da leitura e análise de contos de mistério, com o intuito de despertar o interesse pela leitura da prosa de forma mais complexa. Pois compreendemos a importância da leitura de narrativas nesse momento de aproximação do alunado com as obras literárias. As obras que possuem temáticas que despertam a curiosidades dos alunos, facilitam esse processo e contribuem para o desenvolvimento do letramento literário.

Por meio das experiências vivenciadas em escolas da rede pública, através dos estágios durante o período de formação docente, tive a oportunidade de observar aulas de literatura, nas quais vivenciamos de perto as dificuldades no ensino de literatura e a forma como os textos literários são trabalhados em sala de aula que acabam por distanciar os alunos do mesmo, dificultando o processo de formação desses leitores e do desenvolvimento do hábito de leitura.

Levando em consideração essas afirmações e experiências procuramos desenvolver um estudo que nos possibilitasse analisar e compreender o motivo pelo qual existem inúmeras dificuldades no processo de formação de leitores, buscando propor uma forma de trabalho com contos de mistério que permitisse os alunos do primeiro ano do ensino médio se aproximar das obras literárias, por meio de uma interação direta com os textos.

Para esse fim, elaboramos uma pesquisa bibliográfica com base em estudos que nos mostram um panorama da literatura enquanto disciplina escolar e os motivos pelos quais acabam por existir tantas dificuldades nesse processo educativo, que acarretam no desinteresse dos alunos para com os textos e impossibilitam o desenvolvimento do letramento literário.

Procuramos, também, construir um conhecimento sobre o gênero literário conto, com o intuito de desenvolver uma proposta de trabalho com esse tipo de narrativa, para apresentar a literatura para os alunos do ensino médio de forma simples, visando despertar o interesse pela leitura e apreciação do texto literário, e através dessa interação construir uma base para futuros estudos com obras mais densas.

Levamos em consideração estudiosos como Almeida (2013), Cadermatori (2009) e Zilberman (2008) para embasar nossa discussão sobre como é desenvolvido o trabalho de literatura no ensino médio e compreender como ela pode contribuir na formação crítica do aluno, para esse fim também adotamos Candido (2004) e a sua definição de literatura como uma arte humanizadora proposta em seu livro “Direito a Literatura”. Fizemos uso dos documentos oficiais que regem a educação brasileira como a Base Nacional Comum Curricular (2017/2018) e os Parâmetros Nacionais Curriculares: Língua Portuguesa (1997) com o intuito de compreender a forma como são desenvolvidas as orientações curriculares, visando o letramento literário e o trabalho com narrativas.

Adotamos nomes como Gotlib (2006) e Moisés (2006) para fazermos uma breve explanação sobre o gênero literário conto e as suas características estruturais e compreender como ele se constrói enquanto narrativa, e ainda buscamos os estudos de Cortazár (1993) e Ramos (2013) para compreender como os contos de mistério encantam a seus leitores, os prendendo nas suas entrelinhas.

A fim de contemplar todos esses aspectos, esse trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro deles foi intitulado como “A literatura no ensino médio, algumas ponderações”, busca problematizar a forma como se dá o ensino de literatura nessa fase educacional, visando compreender como os textos literários chegam até os educandos e apontar algumas especificidades dos alunos iniciantes do Ensino Médio.

No segundo capítulo “O conto e a escola”, desenvolvemos uma explanação sobre como esse gênero é trabalhado na sala de aula e pontuamos alguns aspectos

composicionais dessas narrativas, com o intuito de identificar as formas como esses textos podem ser construídos e analisados. Ainda nesse capítulo, nos detemos a um tipo específico de conto, os de mistérios, a fim de aprofundar nossos conhecimentos sobre essas narrativas e compreender o que leva os leitores buscarem fazer a leitura desses textos.

No capítulo três “Quais e como oferecer os contos de mistérios”, fazemos uma breve análise dos contos “As Formigas” e “Venhas ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, pontuando aspectos importantes na construção de seus enredos e algumas características estruturais para que possamos compreender as entrelinhas dessas histórias. Por fim, nesse mesmo capítulo, apresentamos uma proposta de trabalho com esses contos, visando a interação dos alunos do primeiro ano do ensino médio com o texto literário.

Por meio dessa pesquisa, conseguimos compreender as maiores dificuldades enfrentadas no ensino de literatura e como podemos desenvolver o letramento literário com contos de mistério, a fim de aproximar os alunos do primeiro ano do ensino médio das obras e possibilitando uma interação entre os educandos e os textos de forma direta e aprofundada.

CAPÍTULO I

1. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO, ALGUMAS PONDERAÇÕES

Neste capítulo, faremos algumas ponderações sobre a literatura no ensino médio, buscando entender como ela deve ser inserida, ou seja, como pode ser feito o letramento literário para esse público. Para isso, nos embasamos em estudiosos da área de estudos literários, educação e outros que sejam pertinentes a elaboração da pesquisa. Dessa forma, elencamos nomes como Cadermatori (2009), Candido (2004), Socorro Almeida (2014/2018) Sherry Almeida (2013), e Zilberman (2008), para discutir o ensino de literatura e a sua instauração nas escolas.

A literatura no Ensino Médio é cercada por problemáticas, que envolvem o propósito do ensino. Os alunos são levados a pensar a literatura por meio da história e não pela obra literária em si, guiados por um caminho que os distanciam do verdadeiro objetivo artístico e humanizador do texto literário.

Segundo Zilberman, “quando nasceu na antiga Grécia, a literatura não tinha esse nome. Chamava-se poesia e existia para divertir a nobreza, nos intervalos entre uma guerra e outra. (ZILBERMAN, 20008, p.17). O processo educativo era feito por meio dos mitos que “ditavam” as regras a serem seguidas pela população.

A arte literária só foi reconhecida como literatura muitos séculos depois do seu surgimento, e quando passou a fazer parte do currículo escolar “integrou o Trivium, dissolvendo-se entre a Gramática, Lógica e a Retórica; depois, quando a Renascença privilegiou o ensino da cultura clássica, serviu de modelo para a aprendizagem das línguas grego latinas.” (ZILBERMAN, 2008, p. 19). O texto literário foi usado para esse fim durante muito tempo, somente em 1789, com a Revolução, os franceses introduzem a literatura nacional na escola e anos depois ela se estabiliza como disciplina por toda a Europa.

O texto literário já foi um dos principais pilares da educação burguesa e considerado sinônimo de cultura, as pessoas que costumavam ler as obras clássicas eram vistas como cultas e isso gerava uma certa valorização da arte literária, mas o prestígio dado a literatura se perde com a consolidação dos valores burgueses, que

buscavam produções literárias nacionais e homogêneas, porém essas produções foram transformadas em uma arte crítica com o surgimento do modernismo.

Refletindo sobre a sua origem e a forma como foi inserida no contexto escolar, percebemos que a literatura não surgiu com uma finalidade educativa, ela foi incluída nos currículos escolares, por esse motivo Carvalho (2017, p.37) afirma que “A literatura não foi desenvolvida como objeto de ensino, ela foi escolarizada”. Esse processo de escolarização do gênero literário, muitas vezes, é feito de forma equivocada fazendo com que se desenvolva diversas barreiras entre o aluno e o texto literário.

Por essa razão grande parte das problemáticas que envolveram o surgimento da literatura como disciplina escolar perpetuam até hoje. A obra literária é usada para outros fins educativos, nos quais, a apreciação do texto literário em si não é o alvo principal dos estudos.

No Brasil, a literatura é um dos componentes curriculares do Ensino Médio, integrada ao ensino de Língua Portuguesa. Essa disciplina, geralmente, é dividida em três linhas: gramática, redação e literatura. É notória a semelhança com o *Trivium* da idade média, entretanto, a semelhança não fica apenas na divisão da disciplina, ela aparece também na forma como é desenvolvido o ensino de literatura. Se naquela época a literatura era usada, por alguns, como uma forma de ensinar e aprender a língua, nos dias atuais a função da literatura é alicerçar os conhecimentos necessários para aprovações em vestibulares e provas avaliativas. O caráter crítico e apreciativo que deveria servir como base na formação educacional que envolve a arte literária se perde no “caminho da escola”.

O Ensino Médio é a etapa de conclusão da educação básica brasileira, alguns alunos terminam essa fase educacional com o intuito de ingressar no ensino superior e outros seguem para o mercado de trabalho. Por esse motivo, como é apresentado nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), se torna difícil elaborar um currículo para o ensino de literatura, pois para aqueles que concluem a etapa final do ensino básico, com o intuito de ingressar no mercado de trabalho, estudar literatura não tem uma finalidade concreta, uma vez que, ela é definida como arte, e para muitos a arte é totalmente dispensável, por não ser um

conhecimento que ajudará financeiramente e facilitará o ingresso no mercado de trabalho.

Esse distanciamento que a população tem da arte e principalmente da arte literária deve-se as construções sociais do nosso país, porque esse conhecimento sempre foi visto como privilégio da elite e o Brasil sendo um país, no qual, a população é em sua maioria de classe média baixa, pouquíssimas pessoas teriam acesso a obras literárias.

Esses fatores sociais e econômicos contribuíram de forma direta, para que o Brasil se desenvolvesse como um país de poucos leitores. E isso reflete de forma direta na dificuldade de formação de alunos leitores, pois os estudantes, não recebem incentivo de seus familiares, para leitura de livros, cabendo à escola o papel de instigar o aluno para ler textos literários, e supostamente isso deveria acontecer durante o Ensino Fundamental, para que no Ensino Médio os alunos passassem a estudar as escolas literárias e os cânones.

No entanto, a literatura é incluída no currículo escolar nos anos de conclusão da educação básica, isso faz com que uma nova disciplina, até então desconhecida e a forma como é passada, se torne chata e entediante, uma vez que os estudantes têm coisas, disciplinas, mais “importantes”. Porque o imaginário social tem a literatura como algo dispensável, quando na verdade, ela é justamente o caminho para humanização, reflexão sobre o mundo em geral, desenvolvimento do grau de criticidade e uma forma de o indivíduo descobrir seu papel como cidadão, enquanto vê também ao outro. Nesse sentido, a literatura é um meio para conscientização e ação do sujeito.

No Ensino Médio, quando não é vista como desnecessária a literatura é lida pelos jovens apenas com o intuito de completar a lista de indicações para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou vestibulares. E na sala de aula a linha cronológica pela qual se estuda a história da literatura, torna-se ainda mais difícil o contato com a obra em si, como aponta Almeida (2013):

Especificamente no tocante ao ensino médio, o que se vê é um conteúdo programático que tende a dar conta da história da Literatura brasileira, e não de leitura de Literatura brasileira. Dessa forma, a aquisição do conhecimento apresentado pela disciplina apresenta-se como uma tarefa maçante para o adolescente. Além disso, a linha cronológica tradicional de apresentação dos movimentos e textos literários põe o aluno em contato primeiro com textos cuja linguagem, distante temporalmente, torna-se quase

inacessível, e só depois é que se chega a apresentar a produção cuja linguagem é contemporânea a ele. (ALMEIDA, S. 2013, p.03)

Levando em consideração essa afirmação, percebemos também que o currículo para o ensino de literatura é desenvolvido, visando um ensino totalmente cronológico, o que não colabora para despertar a curiosidade do aluno com a obra literária. Dado que, na maioria das obras clássicas, barrocas, árcades e demais escolas literárias, se faz uso de uma linguagem formal e rebuscada, tornando difícil a compreensão dos estudantes. Dessa forma, os fazem perder rapidamente o interesse na obra, pois como já não são adeptos as leituras não terão interesse em ler algo que possivelmente não conseguirão entender.

Todos esses aspectos que permeiam a adaptação da literatura para uma disciplina escolar e a forma como é estruturado o seu ensino, configuram-se em problemáticas que podem contribuir de forma negativa, para o processo de letramento literário e a formação de leitores.

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio encontramos uma definição sucinta sobre o letramento literário, que pode ser estabelecido “como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o.” (OCEM, 2006, p.55). A partir dessa definição, compreendemos que não basta apenas o aluno poder ler determinado texto literário, ele precisa compreender e aproveitar esse momento de contato, com o objetivo de apreciar esteticamente o texto e as entrelinhas da literatura, para que assim possa ser considerado um leitor letrado literariamente.

Deve-se levar em conta, que o aluno de primeiro ano do Ensino Médio está em fase de transição em todos os sentidos, ao tempo em que está tornando-se adolescente, está também provando de uma nova fase da vida estudantil, que rompe com alguns aspectos da fase anterior. Esses conflitos unidos ao processo de inserção no mundo literário, podem causar um impacto muito grande e um bloqueio com relação a literatura, então, algo que poderia ser prazeroso passa a ser uma experiência negativa.

Nesse contexto, voltamos a reforçar a importância da leitura literária estar presente na vida e não só na sala de aula do aluno desde início da sua formação, ou seja, mesmo quando não sabe ler as letras, deve ter contato com os livros, com as

ilustrações e deve ouvir histórias contadas através dos livros, para que o interesse pelo texto literário seja aguçado com prazer. Assim, ao chegar no Ensino Médio, a literatura não será um bicho que vai reprovar, mas algo com que ele possa ter prazer e ainda se cercar de conhecimentos, para outras disciplinas e a vida em sociedade.

Considerar a forma como a literatura se fez presente em sala de aula durante todo o seu período de ensino, desde o início até os dias atuais, é importante para que possamos compreender a forma como o texto literário foi transformado em objeto de ensino. E o porquê de a arte literária ter sido convertida em uma forma educativa e, principalmente, refletir a respeito dos direcionamentos postos sobre o texto literário, que não são apenas os de apreciação da obra, mas acaba se tornando inicialmente um objeto de estudo da língua e posteriormente ser lido superficialmente para responder questões predeterminadas. Além disso, o aluno é condicionado a uma reflexão única, dita como verdade absoluta, o impedido de pensar e repensar a obra a partir de seu olhar de leitor, de perceber a obra por si só, dessa forma não é desenvolvido o letramento literário no Ensino Médio.

O texto literário possibilita as pessoas uma infinidade de viagens para outros mundos, representar e perpetuar a cultura de seus povos ao longo da história e apreciar a arte por meio das palavras. Antônio Candido no *Direito a Literatura* (2011) caracteriza a arte literária como sendo tão importante para os homens, afirmando que as pessoas não podem ficar mais de um dia sem mergulhar no universo da ficção, seja por meio de um devaneio amoroso ou por uma telenovela, a arte literária é tida como fundamental para a vida humana.

O autor ainda define a literatura como um “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 2011, p. 175). Talvez tenha sido esse caráter humanizador e o seu poder de sensibilização dos seres humanos que tenha feito do texto literário uma fonte educacional e de grande importância para a formação crítica dos alunos, pois ela é capaz de transformar e instigar o aluno leitor.

Tendo em vista, que o contato direto do aluno com a literatura no seu período de formação escolar acontecerá durante o Ensino Médio, faz-se necessário que o texto literário seja uma fonte de conhecimento e estudo nesse momento. Devido a

inserção da literatura enquanto disciplina nessa fase de ensino, se faz necessário que o aluno seja apresentado ao texto literário, logo no primeiro ano, de forma que outros aspectos como biografia do autor, questões linguísticas, história da literatura e até mesmo as escolas literárias fiquem em segundo plano, nesse primeiro momento de contato com o texto, pois os alunos precisam ler obras pensando apenas no que está sendo lido e deixando de lado fatores externos que possam comprometer essa experiência do aluno com a literatura.

Contudo, sabemos que a obra literária, muitas vezes, não é lida na íntegra em sala de aula, pois o tempo de aula e a quantidade de conteúdos que devem ser estudados durante o ano contribuem para que o professor opte pelo livro didático, que apresenta fragmentos das obras e propõe exercícios de interpretação e compreensão muito superficiais, guiando o aluno de uma maneira repaginada para o velho questionamento sobre o que o autor quis dizer com determinado texto. Sobre a forma como o texto literário é abordado no livro didático, Carvalho (2017) aponta que:

Entendemos que não se pode reproduzir um romance inteiro no LD, mas também não concordamos com a reprodução apenas de dois parágrafos que pouco dizem da obra e, posteriormente, retomar esse fragmento para o trabalho de alguma classe gramatical ou escola literária. Exige-se pouco do aluno com essa prática e ele não vê sentido em ler a obra na íntegra se não foi conduzida a isso durante as aulas. (CARVALHO, 2017, p. 41).

Os fragmentos reproduzidos nos livros didáticos acabam por fazer com que o discente perca o interesse na obra literária, visto que, são colocados trechos correspondentes a características de determinado movimento literário. Assim, prendendo a atenção do leitor apenas naqueles aspectos, que não levam o aluno a se interessar pela obra e fazer a leitura na íntegra. E os exercícios correspondentes a esses fragmentos, também levam em consideração apenas as características de escrita de determinado autor e quando se tem poesias, no livro didático, os alunos não têm o prazer de desvendar o texto por si mesmo, muito menos, darem suas opiniões sobre as leituras.

É pensando nesse contexto de iniciação do leitor literário, que fazemos a proposta chave desse trabalho, que é trabalhar com os contos, por serem textos mais curtos. E, por isso, podem ser lidos na íntegra e que esses contos, pelo menos

em sua maioria, seja contos de mistério, pois é na adolescência que os alunos sentem interesse em desvendar as incógnitas da vida e dos textos. Nesse caso, o interesse vai sendo despertado naturalmente, uma vez que, o professor pode fazer debates e as interações vão ajudar no entendimento do texto para que, aos poucos, outros textos sejam inseridos.

Quando um ou dois alunos se propõem a fazer a leitura de uma obra literária por inteiro, geralmente é porque gostam de ler e já estão adaptados a esse universo, ou fazem a leitura para completar as listas de vestibulares. E mais uma vez são levados por um caminho, no qual o texto é apenas uma forma de alcançar um objetivo, que nesse caso é a aprovação nos vestibulares, deixando de lado o prazer estético e uma possível leitura crítica.

Na formação do leitor, faz-se necessária a leitura das obras literárias, mesmo que não sejam lidos na íntegra em sala de aula, o texto precisa ser trabalhado de uma forma que o educando seja instigado a concluir essa leitura em outro momento, “o texto deve ser lido, discutido, argumentado para que os olhares ainda vagos e ingênuos, sejam aguçados a se aprofundarem nas múltiplas possibilidades que as palavras oferecem” (ALMEIDA, 2018, p. 37).

Dessa forma, compreendemos a importância que o texto literário tem na formação dos leitores. Embora resumos, fragmentos, adaptações cinematográficas, possam ser vistos como instrumentos para leitura, não podem ser considerados o principal foco no ensino e aprendizagem da literatura enquanto disciplina escolar, pois apenas a obra literária pode proporcionar ao aluno a experiência necessária para que ele se torne um leitor, e principalmente, um leitor crítico capaz de olhar para a obra literária e reconhecer aspectos históricos e sociais, mas não sendo eles o principal motivo de leitura.

O aluno precisa ver a literatura como uma fonte inesgotável de conhecimento, e compreender que a cada leitura será apresentado um novo mundo ficcional capaz de fazê-lo refletir sobre aspectos inimagináveis. É preciso que as discussões em sala levem o aluno a desenvolver um novo olhar sobre a literatura, compreendendo que ela é muito mais do que apenas escolas literárias desenvolvidas para representar os aspectos históricos, sociais e culturais de um povo. Para Almeida (2018) a literatura pode ser definida como:

Literatura é o dizer diferente, é falar de modo que o indivíduo, ao ler, adentre as imagens construídas no tecido textual. A Literatura não está na escrita em si, mas naquilo que a escrita provoca, por isso ela não pode ser vista só pela estrutura ou pela forma, mas como um todo que adquire um sentido perante a leitura. Nesses termos, a Literatura é o que se apresenta para cada um, um fio condutor entre autor, texto e leitor, que faz vibrar a energia entre esses elementos. (ALMEIDA, 2018 p. 38)

A experiência de leitura de cada indivíduo é única, e esse fato pode ser um dos principais argumentos para incentivar a leitura, pois os alunos precisam perceber que ao lerem determinado livro, apesar de se depararem com a mesma história lida pela turma inteira, cada um terá uma visão e opinião sobre a mesma. O ponto de vista dos educandos sobre a obra é tão importante que pode despertar o interesse de outras pessoas com o texto literário, sobre as opiniões dos leitores sobre o texto Cadermatori (2009) diz que:

Se o aluno puder manifestar o quanto foi penoso – ou sem sentido, ou surpreendente, ou fabuloso – seu encontro com a obra, por mais superficial que tenha sido sua leitura, uma promissora discussão sobre o texto poderá ser iniciada. Lembre que explicar ao outro por que não gostamos de um livro, por que ele nos aborrece ou por que nos encanta tanto, não é tarefa simples. Ao contrário, requer uma elaboração complexa e abre caminho para muitas questões e reflexões. (CADERMATORI, 2009, p.81)

Por esse motivo, o desenvolvimento de atividades nas aulas que possibilitem ao alunado compartilhar as suas experiências enquanto leitores é de grande importância, uma vez que esses momentos podem proporcionar oportunidades únicas de troca de experiências, capazes de fazê-los perceber que o texto literário vai muito além daquilo que está escrito.

Se instigados a ler o texto literário pelo simples prazer de contemplação da arte, os discentes são capazes de fazer as inferências necessárias para compreender, em um segundo momento, os aspectos sociais, históricos e culturais que fazem parte da construção “externa” do texto, sem que esse seja o foco principal das discussões, e a partir desses momentos de troca de experiências, os aspectos como as tendências literárias podem ser trazidos para o momento de discussão. De forma que, a disciplina de literatura não seja voltada apenas para a formação de leitores capazes de distinguir movimentos artísticos por meio de fragmentos das obras, mas sejam capazes de perceber e refletir sobre as mudanças estéticas nos momentos de leitura e discussão.

Ao serem apresentados a literatura por meio das leituras e discussões das obras literárias, possivelmente, alguns alunos podem tomar gosto pela leitura e compreender que a arte, principalmente arte literária, não é vazia e diferente do que muitos pensam é uma fonte de conhecimento, capaz de fazer com seus leitores se tornem críticos e capazes de refletir sobre o mundo.

Assim sendo, podem reconhecer a importância da literatura no Ensino Médio e na formação educacional, como é posto nos Parâmetros Para a Educação Básica do Estado de Pernambuco “A literatura é ingrediente fundamental em um currículo, por seu caráter transgressor e libertário, é experiência e conhecimento essenciais à formação de crianças e jovens.” (PCPE, 2012, p. 86). Ela é um elemento crucial na formação crítica e cidadã do indivíduo.

Reconhecer a importância do ensino e estudo de literatura no Ensino Médio, é mais simples, de certa forma, para professores e pesquisadores da área, porém os alunos por passarem tantos anos da sua formação básica educacional sem ter um contato direto com a literatura, podem não alcançar esse entendimento de imediato ou nunca compreender essa função.

Tendo em conta a afirmação feita nessa seção de que uma das possibilidades de fazer com que os alunos se aproximem da literatura e sintam vontade de ler deve ser feita por meio do contato com o texto literário, precisamos refletir sobre o tipo de leitura que interessa a esses alunos, pois cada um possui um interesse diferente e para isso precisamos conhecer o aluno.

Por esse motivo, na próxima seção abordaremos algumas especificidades do aluno iniciante do ensino médio, visando compreender os interesses e motivos pelos quais os estudantes não sentem interesse pelas obras literária e se distanciam da literatura em momento no qual deveriam se aproximar da arte literária.

1.1 Algumas Especificidades do Iniciante do Ensino Médio

Nessa seção faremos uma breve explanação sobre as especificidades do aluno iniciante no Ensino Médio, desde as mudanças que ocorrem na vida dos adolescentes até as suas preferências literárias e a forma como eles podem ser incentivados a buscar a literatura durante a sua formação educacional.

São inúmeras as mudanças que fazem parte da vida de um adolescente, sejam elas físicas, psicológicas, sociais e diversas outras que permeiam essa fase tão complicada da formação do ser enquanto indivíduo social. É por essa transição da infância para vida adulta que está passando o aluno do Ensino Médio.

Estima-se que o alunado do Ensino Médio (EM) no Brasil, nos dias atuais, seja composto por jovens com uma faixa etária entre 14 e 19 anos, por conseguinte os alunos do 1º ano do EM tem entre 14 e 16 anos, são jovens passando por um momento, no qual, buscam se afirmar no mundo e que geralmente possuem opiniões formadas sobre tudo o que os rodeiam e são infinitamente cheios de vontade de expressar essas opiniões.

Quando pensamos nesses jovens enquanto leitores literários ou perguntamos a eles o seu interesse pela literatura, as respostas não são as mais estimulantes. O que mais ouvimos, seja nas discussões entre professores nas escolas, universidades ou até mesmo nas mídias sociais é que os jovens de hoje em dia não gostam de ler, mas sabemos que a realidade não se resume apenas em gostar ou não da leitura.

Vivemos na era digital, diferentemente do que acontecia no século passado, o livro não é mais uma das principais formas de entretenimento para os jovens, que apesar de terem outras formas de distração e divertimento não esqueçam por completo a leitura literária. Hoje as crianças já crescem cercadas pela tecnologia, sejam jogos eletrônicos, desenhos, filmes e redes sociais são inúmeras as formas de entretenimento que são consumidas atualmente.

Dessa forma, podemos apontar como equivocada a fala de pessoas que afirmam que os jovens hoje em dia não gostam de ler, pois eles leem os textos no *Facebook*, a história de contextualização determinado jogo, a *fanfic* que fala sobre o ator, banda, anime ou jogo preferido; os textos de descrições de fotos no *Instagram*, e diversas outros tipos de leitura que compõem o mundo tecnológico.

Porém, o que podemos alegar é que os jovens não consomem obras literárias, principalmente os clássicos. Os adolescentes são leitores, mas não são leitores literários. Ainda existe uma pequena minoria que descobriu o prazer de ler literatura e esses jovens leitores são definidos no PCPE (2012) como:

Leitores de literatura são leitores que aprenderam a gostar de ler literatura e o fazem por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. São leitores que descobriram também o valor da leitura. (PCPE,2012, p. 86)

Os jovens que gostam de ler literatura nessa era, geralmente, foram influenciados pelos pais, tios, irmãos e professores que possivelmente mantêm o hábito da leitura e acabaram repassando para esses adolescentes. Porém, nem todo aluno que chega ao primeiro ano do Ensino Médio possuem essa aptidão para gostar do texto literário.

O iniciante do EM muitas vezes nunca teve contato com uma obra literária, pois podem não ter sido influenciados por seus familiares e principalmente, por seus professores no Ensino Fundamental e a escola como aponta Cadermatori (2009) é o único lugar que muitos desses jovens poderiam ter contato com os livros.

Ao se deparar com a literatura no primeiro ano, os alunos na maioria das vezes, já a caracterizam como chata e complicada, devido a linguagem dos textos e o fato de que precisam parar e refletir sobre a história da literatura e suas características estéticas. Para muitos ler é um processo maçante e demorado e por necessitar de um certo tempo das vidas dos jovens, para começar a ter sentido, o texto literário acaba se tornando a última opção no quesito entretenimento.

Para os jovens do mundo moderno, tudo deve ser pensado e feito imediatamente, a adolescência é marcada por essa efemeridade da vida, mais um motivo para que ler um livro seja considerado por alguns, muitas vezes, uma perda de tempo que não levará a lugar nenhum. A não ser que a leitura desse livro seja feita com algum objetivo. Um bom exemplo seria as aprovações em vestibulares ou a ameaça de algum professor de colocar questões na prova de Língua Portuguesa sobre determinada obra literária.

No entanto, alguns alunos ainda evitam fazer a leitura das obras literárias recorrendo a resumos, análises ou até mesmo as adaptações cinematográficas, pois esses são processos rápidos que os proporcionaram o “mesmo” conhecimento que poderiam adquirir ao fazerem a leitura da obra na íntegra, não sabendo eles que a experiência de leitura seria completamente diferente e a visão sobre a obra seria outra.

O distanciamento e desinteresse dos educandos pela obra literária pode acontecer devido a sua opinião sobre temáticas que gosta ou não, não serem levadas em consideração no momento de escolhas das obras a serem lidas e principalmente nas discussões sobre elas, como já falamos anteriormente nessa fase os alunos estão cheios de opinião sobre o mundo e, de certa forma, procuram maneiras de expressá-las. Por meio da leitura literária e das discussões sobre as obras os alunos são capazes de formar opiniões e de lapidar seu senso crítico.

Levar em consideração as opiniões dos alunos no momento de discussões das obras, podem aproximá-los do texto, pois perceberão que a sua forma de leitura é importante e isso instiga o aluno a procurar fazer mais leituras relacionadas as discussões propostas em sala.

No momento de escolhas das obras Carvalho (2017, p. 34) afirma que o horizonte de expectativa do aluno deve ser levado em consideração pelo professor pois é importante saber os interesses dos alunos para que os textos literários sejam melhores recepcionados pelos mesmos.

Os alunos do Ensino Médio estão acostumados a consumir o que a mídia oferece desde os conteúdos das redes sociais até os *best-sellers* do momento. Os jovens levam, em consideração a opinião dos outros jovens também, e por esse motivo usufruem continuamente do que está na moda, aceitando tudo o que a sociedade impõe, pois não deseja sentir-se excluído dos grupos de amizades.

O motivo pelo qual obras como *Harry Potter*, *As Crônicas de Nárnia*, *Senhor dos Anéis* terem feito tanto sucesso entre os jovens são as temáticas de magia e mistério, que de certa forma, tem o poder de prender a atenção do público juvenil e as aventuras desses mundos mágicos são capazes de transportar os jovens para outras realidades, servindo como um escapismo. Além de que são protagonizadas por crianças e adolescentes que precisam tomar decisões importantes em um mundo adulto, fazendo com que o público leitor se identifique com a trama e situações que remetem ao crescimento pessoal.

Muitos teóricos literários afirmam que a obra literária não pode servir para esse fim de escapista, ela deve ser consumida pelo simples prazer estético e apreciação da arte literária, mas a possibilidade de viajar e mudar de realidade pode ser uma

maneira interessante de transportar o leitor para o mundo literário e como afirma Cadermatori (2009):

O escapismo, como uma primeira etapa na experiência de leitura, apesar do sentido pejorativo atribuído ao termo, pode estar na base da formação dos mais requintados leitores, assim como escritores de grande talento. (CADERMATORI, 2009, p.21).

As experiências iniciais dos alunos com o texto literário devem ser levadas em consideração, para que a aproximação do aluno com esse tipo de texto seja construída de maneira sólida de forma que na primeira frustração diante de algum livro o aluno não desista de continuar apreciando o mundo literário.

Para que o aluno do primeiro ano do Ensino Médio seja incentivado a fazer a leitura de obras é importante que o professor ao conduzir a matéria de literatura tenha hábitos de leitura e possua os mais diversificados conhecimentos sobre gêneros e textos. Dessa forma, pode indicar leituras e debater com os alunos sobre diversos livros e assim fazer com que eles entendam que a literatura possibilita o encontro com diversas temáticas em contextos variados, e não se resume apenas as temáticas apresentadas, por meio das escolas literárias.

A palavra adolescência é derivada do verbo latino *adolescere* que significa crescer ou crescer até a maturidade. Refletindo que a adolescência é um período de transição e o aluno do ensino médio se encontra exatamente nesse contexto de vida e de aprendizagem.

Rolf Muuss em *Teorias da adolescência* (1976) diz que esse período se caracteriza como um tempo em que o indivíduo vive uma situação marginal, ou seja, é uma fase de novos ajustamentos tanto na vida pessoal quanto social, bem como um ajuste consigo mesmo, o que é muito difícil. Esse acúmulo de processos leva o indivíduo ser reativo a determinadas regras, conceitos, entre outras coisas. Para esse indivíduo tudo é maçante porque ele tem muita pressa e pode resolver tudo, nesse sentido o autor diz que essa perspectiva de não ser adulto, mas também perder as “regalias” de criança é muito difícil de lidar, porque o que eles são afinal? Essa é a pergunta que muitos se fazem.

Embora já se tente observar esse período da vida desde o século XVI, é só no século XX que essa fase vai ter uma perspectiva diferenciada psicologicamente.

Seguindo esse raciocínio, Senna; Dessen (2012, p. 101) afirmam que “A ênfase maior na adolescência, enquanto período decisivo do curso de vida, passou a ser, então, deslocada para os fatores de mudança e plasticidade, bem como para a diversidade social e cultural, que podem ser mais pronunciados neste período”.

Muitas vezes, é na escola que o adolescente começa a se descobrir, a se reconhecer e a literatura pode ajudar muito nesse processo, porém deve ser passada de modo que instigue o sujeito a querer mais, para poder procurar, ele mesmo, outros livros. É nesse contexto que entram os contos de mistérios propostos aqui, como um caminho inicial no letramento que deveria ter sido feito antes e para ser feito nessa fase é preciso um interesse, bem como um gosto pelo texto.

É importante que o incentivo à leitura seja feito também por meio das indicações de leitura da biblioteca, ambiente, no qual os alunos devem receber indicações dos professores, bibliotecários e até mesmo dos próprios colegas. Para que exista o desenvolvimento do letramento literário na formação dos leitores é importante o envolvimento e dedicação de grande parte da comunidade escolar.

Se faz necessário que o professor elabore aulas, nas quais, o iniciante do Ensino Médio possa compreender a importância do texto literário na sua formação e compreenda que a literatura pode proporcionar experiências únicas e ser uma grande fonte de conhecimento.

É interessante que o primeiro ano, por ser o início dos estudos literários, seja o momento no qual os alunos sejam incentivados a buscarem o texto literário e aproveitar ao máximo as experiências de leitura, pois como é exemplificado por Almeida:

O ato de ler requer incentivo, o hábito de ler requer gosto e prazer, desejo e curiosidade, mas é preciso que o leitor, na condição de aprendiz movente, esteja consciente de que o seu olhar para o mundo é uma leitura e que tudo que o rodeia é decifrado de alguma forma por ele. (ALMEIDA, 2018, p. 41).

O texto literário proporciona ao aluno oportunidades de construção de opinião, e é de grande importância que o aluno seja instigado a ler e expressar sua opinião, para que possa compreender como seu ponto de vista sobre as leituras é relevante. O incentivo será umas das principais bases na formação do leitor literário, e com a finalidade de aproximar o aluno do texto literário, assim, o professor deve levar em

consideração o horizonte de expectativas do aluno e seus interesses para com alguns tipos de textos e temáticas.

Por esse motivo, no próximo capítulo faremos uma breve explanação sobre o gênero textual conto, pois esse é um gênero que desperta o interesse dos jovens e torna-se uma ponte, para que o aluno desenvolva o interesse por leituras mais complexas, como romances.

CAPÍTULO II

2. O CONTO E A ESCOLA

Neste capítulo, elencamos autores como Moisés (2006), Gotlib (2006), dentre outros, para fazermos uma abordagem sobre o gênero literário conto. Problematisa-se, inicialmente, a relação entre o conto e a escola, a fim de contemplar os aspectos que permeiam essa discussão, nos embasamos nos documentos oficiais da rede pública de ensino como os Parâmetros Nacionais Curriculares - PCN (1997), Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio - PCNEM (2000), Orientações Curriculares Para o Ensino Médio - OCEM (2006) e a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental - BNCC (2017) e Ensino Médio (2018).

No processo de alfabetização do alunado brasileiro, geralmente, são escolhidos gêneros textuais capazes de ser lidos, desenvolvidos e trabalhados em um curto espaço de tempo. Os educadores optam por leituras de fácil compreensão e, de certa forma, educativas como histórias em quadrinhos, narrativas infantis, contos de fada, dentre outras que façam parte do universo lúdico da criança.

O conto, geralmente, é tido com um gênero indispensável nas etapas iniciais do ensino, porque as crianças já são familiarizadas aos contos populares, muito famosos na tradição oral e assim repassados de geração em geração, histórias fáceis de serem contadas e, que costumavam ser usadas como um meio de aprendizado moral. O conto se torna um dos gêneros mais comuns no processo de alfabetização devido às suas temáticas e, principalmente, o seu tamanho, dois aspectos que garantem a permanência dessas narrativas no Ensino Fundamental I.

A introdução dos contos nos anos iniciais da educação básica, muitas vezes, se dá pela necessidade do trabalho com leitura em sala de aula, parte importantíssima do processo de alfabetização, pois nessa fase de ensino no desenvolvimento da leitura e escrita, o saber ler e escrever são tidos como pontos imprescindíveis no desenvolvimento cognitivo da criança.

Tendo em vista a importância dada ao conto no processo de alfabetização, podemos perceber como esse gênero é introduzido no contexto escolar, com o intuito de servir como contribuinte no processo de aquisição da leitura e da escrita. O

trabalho com contos no Ensino Fundamental voltado para o processo de alfabetização, em determinados momentos, faz com que os alunos sejam guiados para o universo literário, mas isso só acontece enquanto o conto é usado como um meio de instigar a leitura dos alunos.

A partir do momento que o conto é trabalhado como um meio de fazer com que os educandos treinem suas habilidades de escrita ou com o intuito de fazer com que treinem leitura no sentido de decodificação, o prazer apreciativo do conto enquanto texto literário é deixado de lado.

Nos documentos oficiais que regem o Ensino Fundamental como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) podemos compreender como são orientados o desenvolvimento do gênero nos anos iniciais do fundamental II, é o caso da habilidade seguinte, presente na BNCC (2017), elaboradas para o 6º e 7º ano:

Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (BNCC, 2017, p.169).

O trabalho com contos é orientado a ser desenvolvido de forma que os alunos contemplem aspectos estruturais e linguísticos no momento de produção textual, a apreciação e análise do texto enquanto gênero literário não é citada nas habilidades a serem adquiridas pelos alunos.

No Ensino Médio, momento da educação básica em que a literatura é, ou pelo menos deveria ser apresentada para os alunos de forma mais aprofundada, contextualizando situações e analisando aspectos estilísticos e estético do gênero, uma vez que no ensino fundamental é visto como meio de decodificação da leitura, o conto não é trabalhado com muita frequência. O conto é um dos gêneros literários que tem inúmeros tipos, temas e graus de complexidade, por isso pode ser trabalhado desde os primeiros anos de vida até a fase adulta.

Geralmente, os professores devido ao tempo de aula, preferem trabalhar com o livro didático que prioriza o uso de trechos de obras que especifiquem determinadas características das escolas literárias. Por esse motivo os contos não são priorizados no momento de ensino e aprendizagem de literatura, pois para uma melhor compreensão se faz necessária uma leitura mais aprofundada dos textos e, em geral, os alunos não tem muita paciência para ler, devido a forma como as obras são abordadas com o intuito de elencar trechos que correspondam a tópicos específicos dos movimentos literários. Desse modo, a leitura por prazer não é priorizada, o deleite literário não é uma coisa a que se dê muita importância.

Por outro lado, muitas vezes a temática e o estilo do autor devem ser vistos e escolhidos de acordo com a maturidade literária de cada turma. Esse aspecto depende da orientação dada pelo professor para as leituras, daí a importância de trabalhar, no início do ensino Médio, com narrativas curtas, mas que sejam completas, como é o caso do conto, e com temas que fomentem algum tipo de gosto ou de curiosidade por parte do aluno, uma vez que ainda está em fase de transição entre o fundamental e o médio.

Nas Orientações Curriculares Para o Ensino Médio (OCEM), observamos que o tempo se torna a maior prioridade no momento de escolhas dos textos, apesar de os contos serem considerados uma forma de fazer com que os alunos se aproximem da literatura como podemos perceber na afirmação seguinte

Contos e crônicas também devem ser cuidadosamente selecionados para se não desperdiçar o tempo precioso a eles dedicado em sala de aula. Por serem mais curtos que novelas e romances, devem motivar o leitor pelo modo como apresentam o assunto, exigindo, como o poema, um aprofundamento que leve o leitor à percepção de suas camadas composicionais. São gêneros propícios a uma sensibilização inicial do aluno. (OCEM, 2006, p.78).

Dessa forma, compreendemos que, apesar de ser indicado como uma leitura a ser feita no Ensino Médio, é importante que os contos sejam escolhidos minuciosamente, não com o intuito de agradar os leitores com as temáticas a serem trabalhadas, mas para que o tempo não seja desperdiçado em um momento de leitura que não pontue a compreensão da composição do texto, ou seja, o gênero ainda é visto e estudado pela estrutura. O acervo de contos é infinito, tem para todos

os gostos e propósitos, é só olhar com um pouco de atenção como bem afirma Lígia Cademartori (2009):

São muitas as histórias que um escritor pode contar. Mas ele escolhe uma possibilidade, um recorte entre infinitos outros que poderia ter feito, e compõe um texto. É por esse recorte que embarcamos na leitura: um deslocamento no tempo, no espaço, uma travessia ao final da qual a própria experiência da vida real pode ser compreendida de outro modo (CADEMARTORI, 2009, p. 45).

Os contos, muitas vezes, são levados para escolas devido a principal característica atribuída a eles o fato de ser uma narrativa curta, por ser considerado um gênero literário que abrange as características de uma narrativa em poucas páginas, acaba sendo escolhido para leitura em determinadas situações, mas sem a devida observação.

De acordo com Geraldi (1997), há três concepções de linguagem que influenciam o processo de ensino e aprendizagem da língua: Expressão, comunicação e interação. Na primeira, percebemos a linguagem como uma forma de evidenciar, mostrar, expressar o pensamento. Já a segunda é o poder que a linguagem tem de comunicação, de chegar, no caso da escrita, ao interlocutor/leitor. Nesse contexto, o conto seria o código pelo qual se emite uma forma de comunicação. A terceira perspectiva nos leva justamente ao fator conhecimento através da interação, do entendimento, das reflexões. Geraldi fala da linguagem e nós atribuímos aqui o contexto do meio para essa linguagem que seria o conto.

Diante desse aspecto, é importante que o professor esteja atento ao tipo de conto, a temática por ele abordada, o fator tempo que também deve interferir na escolha do conto, o grau de complexidade e, principalmente, conhecer bem o texto que está sendo passado para o aluno, uma vez que precisa mediar a análise, as discussões e as reflexões retiradas a partir da leitura.

Essas ideias compactuam com o pensamento de Cosson (2006), sobre sequencia didática, quando observa que a sequência básica é uma forma de organizar o ensino de literatura nas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Sendo assim, vemos que o primeiro passo é trazer um texto que motive o aluno a continuar, caso contrário a sequência corre o risco de ser quebrada se não por todos, mas por uma boa parte dos alunos.

Devido as temáticas e até mesmo a extensão da narrativa, os contos são capazes de despertar nos alunos o interesse pela literatura. Entre essas temáticas que chamam a atenção, as dos contos de mistério, comumente se destacam por possuir enredos recheados de emoções e suspense, elementos que fazem com que os leitores se prendam na leitura rapidamente.

Á vista disso, os contos de modo geral, quando levados para a escola com o objetivo de contribuir no processo de letramento literário podem auxiliar na formação de leitores aptos a compreender a importância da leitura de obras mais extensas, como novelas e romances.

Para uma melhor compreensão do conto, na próxima seção abordaremos alguns aspectos conceituais que o constroem enquanto narrativa literária.

2.1 O conto: conceitos, especificidades tipo e algumas ponderações.

Nessa seção faremos uma abordagem sobre o conto, buscando compreender aspectos históricos e os elementos que o compõem desde o surgimento até as formas mais atuais para tentar conceituá-lo por meio de características composicionais, tipos e algumas especificidades do gênero.

O conto é considerado por muitos como uma das primeiras manifestações literárias que apareceram na história da humanidade, mas não se sabe ao certo quando se deu o seu surgimento, acredita-se que ele seja uma narrativa que antecedeu o mito. Perpetuado ao longo de muitos séculos através da oralidade, acredita-se que o conto foi uma das primeiras formas encontradas para que os ensinamentos culturais fossem passados entre as gerações.

São muitas as teorias que envolvem o contexto do seu advento, em geral abrangem ideias relacionadas a aspectos que nos fazem acreditar que o conto tenha surgido através de diversas tradições e por meio da oralidade foi transmitido, até o ponto em que passou a ser propagado por meio da escrita.

Segundo Moisés (2006), para muitos estudiosos o conto se manteve na oralidade como forma de perpetuar as histórias das tradições de determinadas culturas até a instituição da imprensa ou meados do século XVII, e por esse motivo

André Jolles caracterizou as narrativas como formas simples, em contraste a formas artísticas. Nesse âmbito, os contos poderiam ser classificados da seguinte forma:

Como “forma simples”, o conto entraria no folclore, aproximando-se da fábula e do apólogo, ou no universo das “histórias de proveito e exemplo”, do mundo de fadas, da carochinha [...]. E como “forma artística”, o conto seria o literário propriamente dito, por apresentar autor próprio, desligado da tradição folclórica ou mítica para colher na atualidade os temas e as formas de narrar. Sublinhe-se que o conto, seja como “forma simples”, seja como “forma artística”, gravita ao redor do mesmo núcleo estrutural. (MOISÉS, 2006, p. 33).

Assim, podemos compreender que o conto será considerado uma forma artística a partir do momento que deixa de ser apenas uma narrativa oral da cultura popular e passa a ser um texto escrito com certas particularidades que o caracterizam como um texto literário narrativo.

Sendo uma narrativa, o conto pode ser considerado como a matriz da novela e do romance, devido a sua natureza e desenvolvimento histórico, mas mesmo sendo tido como tal, não pode se transformar em uma novela ou romance, pois a estrutura do conto não permite que ele sirva de base para a criação de um texto que se transforme em outro gênero.

A estrutura narrativa do conto é o que o faz ser definido como tal, ele é caracterizado tipicamente por ser um texto curto e que apresenta um enredo simples que se desenvolve por meio de poucos personagens e acontecimentos. Apesar dessa definição comum e exata não está de todo errada, é uma forma muito simplificada de definir o gênero como um todo, pois, cada aspecto que o envolve é importante e são eles que tornam específica essa narrativa.

Todos os elementos composicionais que fazem parte de uma narrativa como tempo, espaço, personagens, foco narrativo e demais, estão presentes no conto como um propósito, nada é empregado nas histórias sem uma finalidade, pois como gira em torno de um único conflito as informações devem ser minimamente calculadas para que não exista nenhuma considerada desnecessária no enredo. Isso acontece devido a unidade de ação que é constituída, de acordo com Moisés (2006) pelo fato de o conto ser uma narrativa unívoca, que constitui uma unidade dramática que gira em torno de um só conflito, drama e ação.

O fato de o conto possuir um único conflito e se desenvolver por meio de um único enredo pode associar-se a riqueza de detalhes presentes nas histórias, como pontua Moisés:

A existência de uma única ação, ou conflito, ou ainda de uma única história ou “enredo”, está intimamente relacionada com a concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário: cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser economia global da narrativa, a ponte de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto. Para tanto, os ingredientes narrativos galvanizam-se numa única direção, ou seja, em torno de um único drama, ou ação. (MOISÉS, 2006, P.41)

Dessa forma, compreendemos a necessidade de sintetização das ideias apresentadas, todas as informações têm um propósito no desenrolar da trama, cada detalhe é importante para o exato momento vivido pelos personagens dentro do conto. Por esse motivo que o fato de que ao ler determinada narrativa o passado e futuro do protagonista não tem importância no momento da leitura, a não ser que o autor faça uso da síntese dramática, recurso segundo Moisés (2006), utilizado para lançar alguma luz sobre a situação em que se passa a história.

Sendo a unidade de ação, o fator que determina a síntese das informações apresentadas no conto, conseqüentemente essa mesma unidade adequa as demais características aos aspectos particulares desse tipo de narrativa. Como acontece com o espaço no qual a história se passa, geralmente a trama se desenvolve em ambientes reduzidos, o enredo pode ser desenvolvido em uma rua, casa, sala, não se faz necessário o uso de muitos lugares. Um bom exemplo desse tipo narrativo é o conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis que se passa na sala de uma casa. Dessa forma, se organiza o tempo da obra também, pois como dito anteriormente, o passado e o futuro das personagens não têm muita importância no desenrolar da trama, por esse motivo o conflito é desenvolvido em dias ou horas.

Como o conto gravita em torno de um único conflito, e assim faz com que o tempo e o espaço apresentados na narrativa sejam reduzidos, isso implica na quantidade de personagens que fazem parte da trama, pois não existe a necessidade de criação de muitos deles, o desenrolar da história acontece com o auxílio de pouquíssimos indivíduos bem como apenas um determinado aspecto ou cena da vida do personagem como bem observa Angélica Soares: “Ao invés de

representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo”. (SOARES, 1993, p. 54)

Assim sendo, de um modo geral, “o que importa num conto é aquela (s) personagem(ns) em conflito, não a(s) dependentes(s); o espaço onde o drama se desenrola, não os lugares por onde transita a personagem” (MOISÉS, 2006, p.49). É por meio das personagens, que se desenvolve outro fator importante na trama, os diálogos. A construção das falas das personagens no conto, é o ponto principal do desenvolvimento narrativo.

A caracterização dos personagens na obra e a forma como os diálogos são construídas por meio delas, possibilitam a criação de um universo narrativo capaz de chamar atenção dos leitores para o enredo da obra e assim desvendarem as entrelinhas da história, podem guiá-lo a compreensão do enredo e também fazer com que se prenda ao conto.

Os contos também podem ser vistos a partir do tipo. De acordo com Costa (2008), podemos citar como exemplo contos de humor, fantásticos, de mistério e terror, realistas, psicológicos, sombrios, cômicos, religiosos, minimalistas, eruditos, maravilhosos, entre outros.

Assim sendo se faz necessário o uso de uma linguagem mais objetiva no conto, pois o leitor precisa compreender de forma imediata o que se passa no texto e nada pode escapar a ele. E sendo o diálogo um componente da linguagem, ele precisa ser bem desenvolvido para que exista uma progressão nos fatos narrados, será por meio dele que se desenvolverá grande parte dos conflitos como podemos observar na seguinte afirmação

O conto, por seu estofo dramático, deve ser, tanto quanto dialogado. A explicação para isso está em que os conflitos, os dramas, residem mais na fala, nas palavras proferidas (ou mesmo pensadas) do que nos atos ou gestos (que são reflexos ou sucedâneos da fala). Sem diálogo, não há discórdia, desavença ou mal-entendido, e, portanto, não há enredo nem ação. As palavras, como signos de sentimentos, ideias, pensamentos e emoções, podem construir ou destruir. Sem diálogo, torna-se impossível qualquer forma ampla de comunicação. (MOISÉS, 2006, p. 54).

Portanto, a expressividade do conto é baseada em diálogos, e por meio deles são construídas as ações que fazem com que as situações de conflito que desenvolvem a trama aconteçam. É por meio deles que são concebidas a ação, os sentimentos e emoções da narrativa. Como exemplo podemos citar o conto *Antes do Baile Verde*, da Ligya Fagundes Telles:

A mulher tentou prender o crisântemo que resvalara para o pescoço. Franziu a testa e baixou o tom de voz.
 — Estive lá.
 — E daí?
 — Ele está morrendo.
 Um carro passou na rua, buzinando freneticamente. Alguns meninos puseram-se a cantar aos gritos, o compasso marcado pelas batidas numa panela: A coroa do rei não é de ouro nem de prata...
 — Parece que estou num forno — gemeu a jovem dilatando as narinas porejadas de suor.
 — Se soubesse, teria inventado uma fantasia mais leve.
 — Mais leve do que isso? Você está quase nua, Tatisa. Eu ia com a minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica. Imagine você então...
 Com a ponta da unha, Tatisa colheu uma lantejola que se enredara na renda da meia. Deixou-a cair na pequena constelação que ia armando na barra do saiote e ficou raspando pensativamente um pingo ressequido de cola que lhe caíra no joelho. Vagava o olhar pelos objetos, sem fixar-se em nenhum. Falou num tom sombrio:
 — Você acha, Lu?
 — Acha o quê?
 — Que ele está morrendo?
 — Ah, está sim. Conheço bem isso, já vi um monte de gente morrer, agora já sei como é. Ele não passa desta noite.
 — Mas você já se enganou uma vez, lembra? Disse que ele ia morrer, que estava nas últimas... E no dia seguinte ele já pedia leite, radiante.
 — Radiante? — Espantou-se a empregada. Fechou num muxoxo os lábios pintados de vermelho-violeta.
 — E depois, eu não disse não senhora que ele ia morrer, eu disse que ele estava ruim, foi o que eu disse. Mas hoje é diferente, Tatisa. Espiei da porta, nem precisei entrar para ver que ele está morrendo.
 — Mas quando fui lá ele estava dormindo tão calmo, Lu.
 — Aquilo não é sono. É outra coisa. (TELLES, 2009).

Nesse trecho, podemos perceber em questão, que é por meio do diálogo que se constroem as inseguranças e que, de certa forma, as personagens demonstram seu descaso pela morte do pai ao se preparar para o baile de carnaval, nesse conto as falas da criada e da Tatisa são o meio pelo qual a doença e possível morte do pai da moça são apresentadas. As emoções das personagens são construídas no conto por meio das falas.

São todas essas particularidades conceituais e estruturais como espaço, tempo e linguagem de modo específico, que tornam e constroem o conto como uma

narrativa tão singular. Por meio desses aspectos, podemos compreender o motivo pelo qual o conto sempre é caracterizado como uma história breve, pois percebemos que o conto foca em um único ponto, um único momento narrativo e assim precisa provocar um maior impacto no leitor.

A brevidade do conto não se dá pelo simples fato de que a narrativa tem que ser curta por ser um conto, mas por esse gênero literário narrar um determinado momento da vida dos personagens, que faz com esse episódio precise ser bem construído e que não escape qualquer informação, todos os detalhes apresentados precisam ter um sentido na história. Dessa forma, o conto pode ser verdadeiramente considerado um conto, como pontua Gotlib (2006)

O conto é, pois, conto, quando as ações são apresentadas de um modo diferente das apresentadas no romance: ou porque a ação é inerentemente curta, ou porque o autor escolheu omitir algumas de suas partes. A base diferencial do conto é, pois, a contração: o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos. Pode haver o caso de uma ação longa ser curta no seu modo de narrar, ou então ocorrer o inverso. (GOTLIB, 2006, p.35).

Desta maneira, podemos compreender que a narrativa se constrói enquanto conto devido a essa condensação da matéria feita pelo ficcionista com o intuito de mostrar para o leitor os melhores momentos do episódio narrativo e essa condensação dos fatos é o motivo pelo qual o leitor, muitas vezes é fispado pela história.

Por esse motivo propor a leitura de contos para leitores iniciantes é uma forma interessante de apresentar o mundo da literatura para eles, pois podem ter uma experiência completa de leitura através de um texto curto que abrange todas as características narrativas do texto literário, por meio de um evento narrativo que prende o espectador ao fato narrado.

De acordo com Moisés (2006) é por meio da matéria que os contos podem ser agrupados em alguns tipos, e por esse motivo o narrador faz uso desse recurso para que consiga produzir um único efeito no leitor, mas sobre isso o teórico pontua que

A classificação do conto não implica forçosamente uma restrição. Antes pelo contrário. Primeiro, porque uma classificação, por mais rigorosa que seja, não abrange todas as variedades possíveis. Segundo: qualquer ordenação no gênero diz respeito ao emprego de recursos formais,

estruturais, dramáticos, etc., e não à matriz ou ao objetivo singular da narrativa. (MOISÉS, 2006, p.73).

Assim, podemos compreender que os estudiosos do gênero definem os tipos de conto não com o intuito de restringi-los a uma determinada abordagem temática, mas com o intuito de conciliar as formas composicionais do conto para que elas tenham uma determinada simetria dentro da narrativa e não com intuito de modificar as intenções do autor.

Partindo dessa concepção o pesquisador considerado pioneiro nos estudos sistemáticos do conto Carl H. Grabo propõe, segundo Moisés (2006) uma divisão de cinco grupos de tipos de contos.

O primeiro seria composto por histórias de ação, que são consideradas a forma mais comum, e podem estar nesse grupo os contos de mistérios, policiais, suspense e demais narrativas que têm o predomínio da aventura e buscam entreter o leitor. O segundo grupo seria os de contos de personagens, que buscam retratar determinado personagem, mas esse não costuma ser um tipo muito comum. As histórias de cenário ou atmosfera fazem parte do terceiro grupo os contos, nesse tipo o ficcionista busca evidenciar os ambientes e objetos que compõem cenário do conto, fazendo com que eles se tornem os protagonistas da história.

O quarto grupo seria o das histórias de ideias, nesse tipo de texto o foco se concentra na opinião do autor sobre a humanidade e o mundo. No último grupo são classificadas as histórias de efeitos emocionais, que algumas vezes nos fazem lembrar das narrativas de mistério, sendo as emoções que serão causadas no leitor o principal foco desse tipo de narrativa.

Em algumas situações, são esses agrupamentos dos contos em determinados tipos de histórias que faz com que o leitor se interesse pelas temáticas e contos propriamente ditos, pois vão em busca de leituras que consigam atender as suas expectativas enquanto leitor e, por esse motivo, a narrativa é construída por alguns autores, tendo como base essas divisões.

Levando em consideração esses aspectos, compreendemos que não podemos definir o conto apenas como um texto breve, pois ele se faz assim devido a todos os elementos conceituais e estruturais que o tornam essa narrativa com

características tão específicas, ele é construído por meio da forma que a história é abordada na narrativa como afirma Gotlib (2006)

O que faz o conto – seja ele de acontecimento ou de atmosfera, de moral ou de terror – é o modo pelo qual a estória é contada. E que torna cada elemento seu importante no papel que desempenha neste modo de o conto ser. Como bem formulou o contista Horacio Quiroga, ao alertar para alguns “truques” do contista: “Em literatura a ordem dos fatores altera profundamente o produto”. (GOTLIB, 2006, p.11).

Portanto, entende-se que a construção dos elementos composicionais na narrativa é desenvolvida e planejada pelo ficcionista de forma que isso faz com que eles sejam definidos conto, a forma como a estória é contada é importante para o que virá a ser a narrativa e assim ela possa atrair e prender o leitor nas suas linhas e entrelinhas.

Buscando compreender as formas como o conto pode encantar o leitor, na seção seguinte, faremos uma abordagem sobre as narrativas definidas como contos de mistério, uma vez que é o tipo escolhido como objeto de pesquisa.

2.2 O conto de mistério, porque ele encanta?

Nessa seção faremos uma abordagem sobre os contos de mistérios, procurando compreender o motivo pelo qual essas narrativas cativam os leitores. Para esse fim, elegemos autores como Bellin (2011), Cortázar (1993), Ramos (2006) entre outros que poderão nos auxiliar no intento proposto.

As narrativas de mistério geralmente conquista ao mais diverso público leitor, por prende-los à trama através das emoções que podem ser provocadas pelo texto, como medo, angústia, apreensão e, principalmente, curiosidade.

Acredita-se que as narrativas de mistério surgiram no século XIX com as mudanças ocorridas devido a Reforma Industrial, momento no qual o romance se estabelece no âmbito literário. Segundo Ramos, o teórico Benjamin definiu esse advento da seguinte forma

Para Benjamin (1989), esse momento foi marcado pela massificação, pelo desaparecimento das particularidades do indivíduo na sociedade de consumo. Isso gerou, segundo o autor, um sentimento de desconfiança e de

medo dos indivíduos entre si, o que acabou por fazer surgir gêneros literários ligados ao mistério, resultantes de uma nova vida urbana perturbadora e até ameaçadora. (RAMOS, 2013, p.116).

As histórias ligadas a essa temática surgem, tecnicamente, para representar por meio da literatura, os sentimentos angustiantes vividos pelas pessoas na Idade Moderna, especialmente no que diz respeito às incertezas em relação ao futuro, uma vez que com a revolução industrial, apesar da criação de empregos a miséria acabou operante nas cidades.

As narrativas de mistérios, se popularizam por volta do ano de 1850 devido as numerosas publicações feitas pelas revistas norte-americanas, “o conto foi considerado por muitos uma forma de sinalizar o suposto fim da dominação literária britânica na literatura dos EUA” (BELLIN, p. 46).

Nesse momento, as narrativas literárias são usadas como uma forma de representação da identidade nacional dos Estado Unidos e apresentam temáticas como a natureza e o sobrenatural. Destacando-se na literatura sombria e misteriosa, surge o autor Edgar Allan Poe que é considerado por muitos estudiosos como um dos principais escritores de contos de mistério.

As obras de Poe podem ser consideradas como narrativas de ficção fantástica e alguns de seus textos caracterizados como contos policiais, temática muito comum nas histórias de mistério. De acordo com Cortázar (1993) “Poe escreverá seus contos para dominar, para submeter o leitor no plano imaginativo e espiritual” (CORTÁZAR, 1993, p.121).

Por esse motivo, as composições de Edgar Allan Poe se tornam referência no que diz respeito às narrativas misteriosas, pois ele consegue desenvolver um universo de suspense capaz de proporcionar aos leitores emoções inimagináveis por meio da leitura de seus contos. Também é notável que grande parte do público ‘atingido’ pela temática e pelo estilo do autor é de jovens.

Nos gêneros policiais percebemos que a história se desenvolve sempre por meio de um enigma e que a trama se desenrola em torno da resolução do caso. Em geral, o enigma está presente na maioria das narrativas de mistério, pois é por meio dele que se constroem a atmosfera de suspense e a incógnita principal do enredo. A

elaboração do enigma nas narrativas se dá por meio de acontecimentos inesperados, como explica Ramos:

Em boa parte das narrativas de mistério, o enigma é quase sempre resultante de determinado acontecimento pouco comum ou inesperado, que permanece por explicar e está envolvido por muitos segredos, os quais podem advir de um assassinato ou do desaparecimento de uma pessoa ou de uma vingança, por exemplo. Daí ocorrerá uma ação frequentemente rica em suspense ou, até mesmo, aterrorizante, podendo incluir situações que, de algum modo, remetem ao sobrenatural. Portanto, encontrar a solução para o enigma pelos mais diversos meios, constituirá a preocupação dominante das personagens e do leitor. (RAMOS, 2013, p.118).

Desse modo, compreendemos a forma como é desenvolvido o enigma nas narrativas e como ele é responsável pela criação do suspense que, geralmente, dará a história um tom angustiante e de incerteza e que muitas vezes é desenvolvido com o intuito de despertar a curiosidade do leitor a respeito do que acontecerá na obra, é comum que o suspense nos contos de mistério se intensifique ou apareça no clímax da narrativa.

Os contos de mistério também podem ser associados ou, em alguns casos, confundidos com contos fantásticos e de horror devido as temáticas que apresentam elementos sobrenaturais, fantasmas e até mesmo o próprio terror.

Levando em consideração essa atmosfera sombria, angustiante e enigmática em que são elaborados inúmeros contos de mistério, podemos compreender o motivo pelo qual essas obras fascinam tantos leitores, especialmente os mais jovens. As narrativas misteriosas são capazes de prender o leitor por meio das inúmeras incógnitas e emoções que permeiam as suas entrelinhas, fazendo com que desperte uma curiosidade imensa no momento da leitura sobre o que acontecerá no desenrolar da trama. O mistério quase sempre é desvendado pelo leitor juntamente com o narrador ou até mesmo o leitor procura sair a frente e tentar descobrir o desfecho do mistério como em uma brincadeira de adivinhação.

Os enredos dos contos de mistério são elaborados de forma que o leitor se prende na trama e, geralmente, é quase incapaz de abandonar a leitura sem saber o desfecho da história. Independentemente de ser um conto policial, sobrenatural, de terror ou qualquer outra temática que envolva muito suspense, o conto de mistério encantar os seus leitores por meio das emoções.

Por esse motivo, no próximo capítulo apresentaremos uma proposta de trabalho com os contos “Venha Ver o Pôr do Sol” e “As Formigas”, de Ligya Fagundes Telles, com o intuito de contribuir para a formação do leitor literário no primeiro ano do Ensino Médio, visando despertar, posteriormente, o interesse pela leitura de obras literárias diversas.

CAPÍTULO III

3. QUAIS E COMO OFERECER OS CONTOS DE MISTÉRIO

Nesse capítulo faremos uma abordagem sobre quais contos de mistérios devemos oferecer aos leitores iniciantes e a forma como podemos desenvolver a leitura dessas narrativas. Inicialmente pontuaremos a escolha contos, da autora e faremos uma sucinta explicação do motivo pelo qual desenvolvemos a proposta de trabalho.

Os contos escolhidos foram “Venha ver o pôr do sol” e “As formigas”, da escritora Lygia Fagundes Telles. Optamos por escolher apenas contos dessa autora devido a linguagem, a forma de escrita e os temas desenvolvidos por ela em suas narrativas. As temáticas abordadas por Telles como amor, morte e até mesmo a fantasia, são o motivo pelo qual sua obra fascina a diversos leitores e públicos diferenciados.

Optamos por desenvolver nossa proposta com base nesses contos, pois a linguagem e o enredo dessas narrativas são de fácil compreensão, o que nos possibilita despertar o interesse e curiosidade de alunos do primeiro ano do Ensino Médio pela literatura. O mistério se constrói nesses textos por meio de aspectos que permeiam a morte, o fantástico, a loucura e as indagações que a trama deixa na mente do leitor.

Com a proposta de trabalho elaborada com os contos da Lygia Fagundes Telles, pretendemos desenvolver uma forma de apresentar o mundo literário para os alunos na citada faixa etária, com narrativas breves e de fácil compreensão, para que eles possam vivenciar uma experiência de leitura que os permita, com a mediação do professor, decifrar as entrelinhas dos textos e apreciar as obras.

Nas seções seguintes faremos uma breve análise dos contos escolhidos e apresentaremos a nossa proposta de trabalho com os mesmos.

3.1. Breve análise dos Contos

Nos deteremos a análise dos contos pontuando aspectos que se fazem importante na construção da história, levando em consideração elementos narrativos que contribuem no desenvolvimento do enredo e compõem o mistério presentes nas narrativas.

3.1.1 Primeiro conto

Inicialmente faremos a análise do conto “As formigas”, que narra a história de duas garotas que se mudam para uma pensão um tanto quanto velha, pois por serem estudantes necessitavam ficar em um lugar cujo aluguel fosse acessível a elas e as proporcionassem certos benefícios. “Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. ” (Telles, 2009, p. 06). Nesse lugar encontram uma caixa com ossos de anão que muda completamente o destino das duas jovens.

Nenhuma das personagens possuem nome, mas podemos diferenciar as protagonistas pela faculdade que estão cursando, pois uma estuda direito e a outra medicina. O conto é narrado pela menina que estuda direito, logo, possui um narrador personagem que faz com que o texto seja escrito em primeira pessoa, possibilitando ao leitor uma visão detalhada dos fatos e emoções vividas. Como afirma Lamas (2002)

Neste conto tem-se um narrador autodiegético conforme terminologia de Genette, pois a própria narradora-protagonista é quem vivencia a história contada. De acordo com as reflexões teóricas de Reuter (1996), tem-se aqui perspectiva narrativa ou focalização da personagem principal, já que sua ótica direciona a ótica do leitor”. (LAMAS, 2002, p. 176).

O conto possui poucos personagens, é protagonizado pela narradora, sua prima, a dona da pensão, as formigas e o gato que não aparece na história, mas é citado em alguns momentos e também pelo personagem chave que fica num entre lugar (entre a vida e a morte), o Anão. Percebemos que a autora compõe as personagens de forma que elas estão interligadas a cada parte do enredo, todas tendo um papel importante no desenrolar da trama, mas é o anão, através dos ossos

e as formigas que aparecem e desaparecem misteriosamente que são responsáveis pelas indagações e mistério na história.

Notamos a predominância de personagens femininas nesse conto, sendo essa uma característica de escrita da autora, as meninas estão passando por um momento de transição para a vida adulta e buscam independência, a dona da casa é caracterizada por ter uma personalidade nada hospitaleira e percebemos uma ligação entre a sua imagem e a descrição da casa, nota-se em ambas um certo desleixo. Como aponta Ribeiro (2008) o fato de a dona da casa possuir um gato, acaba por encaixá-la ao estereótipo de bruxa uma vez que o gato é visto pelo imaginário sociocoletivo como uma espécie de feiticeiro, vê além do notável aos olhos, tem sete vidas, é um animal misterioso, noturno, entre outros aspectos que lhes são atribuídos. Na maioria das obras seja na literatura, no cinema e até nos desenhos animados, os bruxos e feiticeiros sempre estão acompanhados de um ou mais gatos, um olhar, até certo ponto preconceituoso, que acompanha o animal até hoje.

O espaço no qual se passa o conto é unicamente a pensão, e o fato de as estudantes necessitarem de um lugar barato para ficar, foi motivo que as mantiveram ali, pois é descrito como um ambiente nada acolhedor. “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima. — É sinistro.” (TELLES, 2009, p.06).

A atmosfera assustadora da casa contribui para o clima de suspense e mistério presente na obra, as janelas descritas como ovaladas remetem a arquitetura gótica desenvolvidas no século XII e XIII no período histórico da baixa Idade Média e que compõem o ambiente narrativo da maioria das histórias classificadas como literatura gótica ou de horror. As duas janelas descritas se assemelham a dois olhos a espiar as personagens e para dar um ar de maior mistério, uma das janelas vazadas por uma pedra remete a um olho ferido, furado, como aparecem em obras com esse perfil.

O quarto das personagens também é descrito como um ambiente sombrio, localizado em uma parte alta da casa, é nesse cômodo que estão guardados os ossos do anão, elemento fundamental para a construção do enredo. As

protagonistas tentam amenizar o clima estranho do dormitório mudando as luzes e organizando seus pertences, buscando deixar o lugar mais acolhedor.

A escada em espiral que leva ao quarto das meninas, apresenta uma simbologia muito forte relacionada a mudança e transformação espiritual, pois é ela que dá acesso ao ambiente enigmático em que se passará a trama. É no quarto que acontece os episódios amedrontadores do conto, ao encontrar a caixa com ossos de anão, a estudante de medicina fica fascinada por eles, e a dona da pensão explica que pertenciam a um antigo morador, que também cursava medicina, que os esqueceu na casa quando foi embora. No decorrer do conto podemos questionar se realmente foi um esquecimento ou o antigo inquilino deixou os ossos na casa propositalmente.

Na primeira noite que passam na casa, as meninas estranham o fato de que algumas formigas fazem uma trilha só de ida para dentro do caixote dos ossos que está guardado embaixo da cama da prima da narradora, o que as deixam intrigadas, pois as formigas “subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar” (TELLES, 2009, p.08). As garotas “matam” as formigas com álcool, mas no dia seguinte ao acordarem não encontram os insetos mortos.

Alguns pontos precisam ser destacados no momento de aparição das formigas. O primeiro deles é cheiro forte de bolor que as estudantes sentem no quarto antes do aparecimento delas. O segundo fato que antecede o aparecimento das formigas são os sonhos da narradora durante a madrugada, nesses sonhos ela costuma ver um anão louro e posteriormente acorda com o “exército disciplinado” andando rumo a caixa, é como se os sonhos indicassem a presença dos bichos e do próprio anão.

Um outro aspecto pode ser problematizado com essa aparição dos insetos no caixotinho de ossos, pois sabemos que as formigas são as principais roedoras de alimento tanto saudável quanto podre e que os corpos das pessoas enterradas são, em grande parte, roídos ou comidos por elas, ao mesmo tempo, as meninas descobrem que são as formigas quem estão ‘montando’ os ossos do anão como se elas fossem parte desse corpo uma vez que elas entram, mas não saem do caixote.

O aparecimento das formigas acontece durante a noite e representa um elemento importante na obra, pois as meninas chegam a casa ao anoitecer e vivenciam os momentos de pavor no período noturno. Percebemos que o tempo da obra é cronológico por meio desse aspecto também, pois o período de moradia das garotas na pensão são três noites. A noite traz os momentos de suspense e medo para obra, ela contribui para a criação do universo misterioso que envolve os ossos e as formigas.

Apesar de as formigas serem as antagonistas do conto e causarem certo pavor nas personagens, não podemos descartar o aparecimento de uma formiga que demonstra que as coisas que estão acontecendo não são normais, pois como é descrito pela estudante de direito essa formiga tem atitudes estranhas para um animal. Como podemos observar no seguinte trecho

No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho. (TELLES, 2009, p. 08).

Quando reaparece essa formiga aparenta novamente um comportamento estranho “Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos.” (TELLES, 2009, p.10). É como se esse comportamento indicasse para as personagens que os insetos não são simples formigas e que existe alguma coisa estranha relacionada a presença delas.

A autora constrói a sensação do medo no decorrer da obra de forma crescente e sutil, com elementos chave que já indicam a presença de algo sobrenatural no ambiente. O fato dos ossos do anão serem guardados pela jovem estudante de medicina embaixo da cama, remete ao sentimento amedrontador que é construído em torno desse espaço. Nas narrativas de terror, principalmente as infantis, esse lugar é tido como o esconderijo de coisas ruins durante a noite, monstros e assombrações.

Não podemos ignorar a presença do urso de pelúcia da narradora, que também remete a elementos sobrenaturais e o medo, mas no sentido de trazer um

pouco de segurança para a personagem, pois geralmente é um objeto utilizado por crianças para que elas não fiquem amedrontadas com assombrações durante a noite. Como percebemos no momento da fuga das meninas “Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japonsa e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta.” (TELLES, 2009, p. 11). Ela leva o urso consigo o que nos remete a uma espécie de proteção trazida por ele.

Embora estejamos observando nos contos, especialmente, os aspectos que remetem ao mistério, há outros sentidos que saltam aos olhos que não podemos deixar de falar. Nesse caso, tem dois aspectos com relação aos elementos acima que precisam ser enfatizados, o primeiro é o fato de as meninas trocarem a luz fraca do ambiente por uma mais forte, mais clara. É interessante observar que a casa era escura até elas chegarem, é como se elas tivessem trazido um pouco de vida, de luz, de clareza ‘racional’ para o ambiente. Outro aspecto importante nesse sentido é que elas chegam amedrontadas e parece se fortalecerem e quando saem estão mais seguras de si, especialmente a estudante de direito. Esse fato se ratifica ainda no momento em que o ursinho é guardado no bolso, ou seja, ela o leva como uma garantia, mas ele não está mais nos braços e sim no bolso, ele só vai ser tirado de lá em caso de ‘necessidade’, no entanto, não é esquecido, está lá, no bolso.

Esses elementos que acabamos de elencar nos levam a observar que tudo isso pode representar um processo de amadurecimento das meninas e a coragem de enfrentar o mundo. Elas vieram para a pensão depois de ligar e garantir o acolhimento, agora elas saem sem pensar para onde irão. O urso, que entre outros fatores, pode representar a segurança está agora no bolso. Indo mais além, vemos que o urso pode representar o masculino, talvez a figura paterna a quem elas, apesar de guardar, não estão mais sob a proteção (guarda).

O clímax do conto acontece quando as estudantes descobrem que as formigas invadem o quarto para montar o esqueleto do anão e por esse motivo decidem abandonar a pensão. O mistério da obra é construído pelo elemento fantástico que envolve os ossos do anão e as formigas, não sabemos o motivo pelo qual elas tem como objetivo organizar os ossos do esqueleto.

Ao fugirem da casa ao descobrirem a missão das formigas, as personagens constroem algumas das principais incógnitas do enredo, entre elas o verdadeiro motivo pelo qual decidem ir embora pois os ossos, apesar de ser de um anão (homem pequeno) ele é referido como uma figura masculina, ou seja, esse fator pode significar o enfraquecimento do patriarcalismo através da estrutura do anão, já que é uma pessoa em tamanho menor. Outro fato é que não é o anão quem está lá, mas os ossos, ou seja, o que ficou dele. Assim, antes que a “sociedade” de formigas devolva a ele, a vida, as meninas fogem. Esses aspectos remetem a ideia da resistência do patriarcado e ao mesmo tempo da luta das mulheres que tentam fugir das condições impostas por ele, da sombra em que sempre viveram e do medo que sentiram e que agora tentam enfrentar.

O conto termina e não sabemos o que acontece, pois ao abandonarem a casa a última coisa que escutam é um barulho que não identificam como um grito ou o miado do gato. Novamente as janelas da casa remetem ao terror sobrenatural “No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra. ” (TELLES, 2009, p.11). E assim o grande mistério do conto é construído, pois não sabemos se as formigas conseguiram terminar o que começaram.

Acreditamos que a leitura de um conto como esse em sala de aula pode aguçar o interesse literário dos alunos, apesar de existirem aspectos que podem ser identificados a partir de uma leitura mais analítica, os elementos de mistério apresentados como o verdadeiro objetivo das formigas e o que aconteceu após as estudantes abandonarem a casa, são capazes de surpreender o leitor e ao mesmo tempo deixa-lo intrigado, o que nos possibilita o desenvolvimento de uma leitura, análise e discussão, na qual os alunos possam interagir diretamente com o texto e problematizar a importância da presença dessas incógnitas deixadas na narrativa.

3.1.2 Segundo conto

“Venha Ver o Pôr do Sol” é narrado em um ambiente sombrio e abandonado apresenta a história de Rachel e Ricardo, ele alegando sentir falta da moça a convida para um último passeio, no qual eles possam observar o pôr do sol em um

cemitério, relutante devido ao estado desolado do lugar, a moça aceita seguir com o passeio, mas não sabia ela que esse passeio era uma armadilha.

Essa história é narrada em terceira pessoa, por um narrador-observador, assim o leitor tem uma visão externa dos fatos apresentados e pode experimentar os sentimentos dos personagens por meio dos diálogos, que têm nesse conto a função de contribuir para uma narração fluida e dinâmica.

O enredo gira em torno apenas dos protagonistas Ricardo e Rachel, ele se mostra inconformado com o fim do relacionamento e afirma que ainda ama Rachel. A moça o deixou por um homem rico que pudesse lhe proporcionar uma boa vida e alega ter gostado de Ricardo, mas não chegou a amá-lo.

O ambiente abandonado contribui para a criação do universo sombrio e misterioso, a descrição do cemitério e do local onde está localizado nos indica um lugar remoto e sem a presença de pessoas nas intermediações, a não ser de algumas crianças que brincam nas proximidades.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármores, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. (TELLES, 2009, p. 94).

O espaço narrativo da obra é o cemitério e a todo momento Ricardo afirma que é um lugar abandonado e que mais ninguém visita “Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.” (TELLES, 2009, p. 95). Mesmo relutante em seguir com passeio a moça aceita, pois Ricardo faz uso de argumentos que põe em conflito os sentimentos e emoções da pobre mulher, que acaba sendo persuadida por ele. Ele afirma que escolheu o lugar, pois o atual companheiro dela jamais descobriria o encontro dos dois e que ele pensou em leva-la a seu apartamento, mas ficara mais pobre do que quando ainda namoravam.

— Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado — prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. — Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui. (TELLES, 2009, p. 95).

Conforme os personagens vão adentrando o cemitério, conseguimos perceber que ele foi abandonado a muito tempo e que talvez a única presença humana no local nos últimos anos tenha sido a de Ricardo e Rachel e assim esse lugar é construído com uma atmosfera sombria, melancólica e assustadora e tornando-se no fim o lugar perfeito para os planos de Ricardo.

O conto é narrado em tempo cronológico, tudo acontece no fim de uma tarde e o enredo é construído nessa sombria atmosfera crepuscular que permite ao leitor algumas pistas sobre o desfecho do conto, pois o lugar e a situação vivida pelos personagens remetem a algo sombrio que não poderia ser explicado por um simples passeio para ver o pôr do sol.

Ricardo conta uma mentira para Rachel para fazer com que a moça prossiga o passeio com ele, diz que poderão ver o pôr do sol no jazigo se sua família, lá encontrasse enterrada sua prima Maria Emília, que morreu aos quinze anos de idade, ele alega que Rachel se parece muito com a falecida jovem. O rapaz conta para moça que eles costumavam visitar o cemitério com sua mãe e que ele e a prima andavam de mão dadas pelo cemitério em todas as visitas.

Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus. (TELLES, 2009, p.97).

Nesse trecho Ricardo compara os olhos de Rachel aos da suposta prima e faz uma referência a personagem Capitu do livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Com essa referência a personagem machadiana, a autora fez possivelmente uma ligação entre a suposta traição da Capitolina descrita por Bentinho e o sentimento de troca que Ricardo sente por Rachel, afinal de contas a personagem troca ele por um homem rico por não aguentar viver mais de um ano na pobreza na qual se encontravam.

Essa não é a única referência literária apresentada no conto, em determinado momento da narrativa Rachel se questiona como conseguiu passar um ano ao lado de Ricardo e o moço alega que ela estava sentimental devido a leitura do Livro *A Dama das Camélias*, como podemos observar no trecho seguinte:

— Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele. Quando penso, não entendo como aguentei tanto, imagine, um ano! — É que você tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora? — Nenhum — respondeu ela franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: — À minha querida esposa, eternas saudades — leu em voz baixa. — Pois sim. Durou pouco essa eternidade. (TELLES, 2009, P.96).

A resposta para a pergunta de Ricardo é “Nenhum”, a moça não estava lendo nenhum livro no momento, o que nos faz acreditar que no período em que eles namoravam, Rachel precisava do universo literário para fugir da realidade da vida, mas agora vivia uma realidade em que não tinha mais necessidade de viver em meio dos livros de romances passageiros para poder idealizar uma vida pela qual aspirava.

Ao chegar na suposta catacumba da família de Ricardo e ele chama-la para ver o retrato da falecida prima, Rachel descobre as verdadeiras intenções cruéis do rapaz. Apesar das pistas apresentadas durante o conto, o desfecho é surpreendente, não se esperava que ele a trancaria no mausoléu.

Assim, percebemos que Ricardo planejou o passeio movido pela vingança e seus sentimentos doentios, ele não aceitou o término do relacionamento e decidiu trancafiar a moça com o intuito de distanciá-la do seu atual companheiro, dos luxos e da boa vida que estava levando. Observamos que a escolha do cemitério abandonado localizado em um lugar remoto, longe da vizinhança e livre da presença de pessoas fazia parte do plano doentio de Ricardo.

Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja — disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda — o musgo já cobriu o nome da pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas.... Esta, a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso. (TELLES, 2009, p. 97).

O programa “romântico” foi planejado por ele minimamente, a troca da fechadura, a catacumba localizada a quilômetros de distância da entrada do cemitério, a história e argumentos para persuadir a jovem, tudo levaria ao grandioso momento de apreciação do pôr do sol “ Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da

porta, tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo. ” (TELLES, 2009, p.99).

O nome do conto “Venha Ver o Pôr do Sol”, nos sugere o convite de Ricardo para que Rachel venha ver a vida se pondo e com a escuridão a morte desabroche no interior do jazigo frio, mas essa interpretação fica subtendida nas entrelinhas do conto, pois explicitamente temos a incerteza do destino de Rachel e assim se constrói o maior mistério do conto.

O conto é encerrado com o narrador ressaltando a presença das crianças que brincam de roda em frente ao cemitério, as mesmas que brincavam ali quando os protagonistas chegaram. A presença das crianças para Ricardo simboliza o fato de que o lugar está abandonado há muito e tempo e por isso elas não têm medo de brincar nas redondezas do cemitério, mas essa aparição no início e no final do conto, traz para o desfecho um ar de normalidade para as ações doentias de Ricardo, pois aos estarem brincando de roda no lugar não se importavam com o que estava acontecendo, muito menos com a situação trágica em que se encontrava Rachel. Contribuindo para as mensagens subliminares deixadas por Ricardo que de fato ninguém a encontraria naquele lugar, pois não existia a presença dos vivos e, talvez, nem mais a dos mortos.

O cemitério é um ambiente frio, grotesco e escuro. Seria a última opção para um encontro amoroso e talvez por isso escolhido, para mostrar a dimensão do receio de Rachel ao adentrar aquele caminho, porque toda narrativa se dá na travessia entre o portão do cemitério e a catacumba da família do personagem Ricardo. Veja-se que esse fato é salientado várias vezes, a catacumba é da família dele e não dela e a pessoa com que ela se parece ou, pelo menos que ele acha que ela parece é prima dele. Ricardo parece querer que Rachel tenha o mesmo destino da prima. Por outro lado, é como se Rachel tivesse caminhando para a morte, o espaço vai se fechando até não ter mais saída.

Além de todo mistério que envolve a narrativa, em virtude dos elementos escolhidos para compor a história, da maneira como os personagens vão se embrenhando no espaço tofóbico¹, principalmente Rachel que não sabia até onde

¹ Termo criado pelo geógrafo chinês Yi Fu Tuan no livro Espaço e lugar (1983) para designar a aversão ao espaço.

iria, e da incógnita que fica com relação a morte de Rachel, outros pontos precisam ser enfatizados.

Esse cemitério espaço descrito como ermo, vazio, sem vida, desabitado até pelos mortos a algum tempo, pode estar simbolizando um tipo de vida que não existe mais, que ficou no passado a exemplo do patriarcalismo. Ao mesmo tempo, vemos que a mulher, muitas vezes, é lavada para uma união sem conhecer direito o parceiro, sem ter experiência alguma e idealizando uma vida melhor. Ao invés disso ela encontra a prisão, ou seja, a morte em vida, já que passa a viver enclausurada, isolada e sem autonomia como sujeito.

O conto todo representa essas circunstâncias, Ricardo vai prometendo um lindo pôr do sol, mas é como se nesse “pôr do sol” estivesse implícito o fim, já que significa a morte do dia, o desaparecimento do sol, da luz. Então, fica também a incógnita aí, Rachel não foi totalmente enganada, ela desconfiava e mesmo assim os argumentos dele foram mais fortes, é como se ela soubesse a que ia, mas não sentia forças suficiente para voltar.

O conto vem repleto de mistérios, enigmas e a fusão do real e do sobrenatural. É uma narrativa instigante, o caminho percorrido pelos personagens deixa o leitor preso pelo suspense do que pode acontecer, onde vão chegar e o que, na realidade irão ver.

O próprio personagem Ricardo é um enigma: “Ele riu entre malicioso e ingênuo”(TELLES, 2009, p. 97) . Ele cita Medusa, como sendo a dona pensão onde mora e a espiã da vida dele, não sabemos se essa mulher seria dona do lugar por ser esposa dele ou por ter apenas alugado um quarto. Ele é responsável por levar a ‘passageira’ Rachel da porta do cemitério até a cova e estava sem dinheiro, aspecto que remete a Caronte, barqueiro infernal responsável por levar os mortos ao Hades, recebia uma moeda para fazer o transporte, era grosseiro, mas mostrava uma aparência gentil. Veja-se que Ricardo passa o tempo todo chamando Rachel de meu anjo e a tratando gentilmente, embora fique nítido o fingimento do personagem.

Nos dois contos analisados percebemos que a autora faz uso de uma linguagem e constrói a trama de forma que nos prende ao enredo. O mistério nos dois contos se constrói por meio de elementos sobrenaturais, que abrangem o universo do fantástico.

Tanto a angustia das meninas do primeiro conto em relação aos ossos que mudavam de lugar quanto o medo de Rachel por estar entrando em um ambiente assombroso, são passados naturalmente para o leitor, que além da curiosidade de saber o desfecho ou a explicação para tais fatos, espera também resolver o enigma antes do desfecho e aí vem a curiosidade de saber se acertou no que pensou a respeito da história, como ocorre com as histórias contadas oralmente desde tempos remotos.

Dessa forma escolhemos esses dois contos para a elaboração de uma proposta de aula de literatura para o primeiro ano do Ensino Médio, visando a contribuição na formação do leitor literário. Sendo assim, na próxima seção apresentaremos possibilidades nas quais esses contos podem ser trabalhados em sala de aula, com o intuito de aproximar o alunado do universo literário.

3.2. Encontrando um Caminho

Nessa seção apresentamos a nossa proposta de trabalho com os contos de mistério para uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, com o intuito de contribuir para a formação de leitores por meio do letramento literário.

Escolhemos os contos “As Formigas” e “Venha Ver o Pôr do Sol”, da autora brasileira Lygia Fagundes Telles, pois essas narrativas possuem uma linguagem simples e de fácil compreensão, possibilitando que leitores não familiarizados com a literatura consigam entender a trama sem se sentirem enfadados com a leitura. Devido a temática de mistério esses contos encantam os mais diversos tipos de leitores, pois despertam a curiosidade e prendem as pessoas aos seus enredos enigmáticos.

Levamos em consideração a proposta de inversão de conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (2018), para fundamentarmos a escolha da autora Lygia Fagundes Telles, pois não poderíamos escolher uma autora que tem suas obras classificadas como produções da geração modernista de 45, para um trabalho a ser desenvolvido no primeiro ano, se seguissemos a cronologia estabelecida pelas grades curriculares para o desenvolvimento do ensino de literatura no Ensino Médio.

Procuramos priorizar a leitura de textos literários na íntegra para que os alunos pudessem compreender alguns elementos composicionais das narrativas, e os contos por serem narrativas breves que abrangem grande parte dessas características nos possibilitaria esse trabalho de compreensão estrutural. Apesar de o foco da nossa proposta não está voltado para a compreensão da estrutura do texto, uma breve abordagem contribui para uma melhor interpretação das narrativas, pois possibilita ao aluno identificar determinados elementos narrativos essenciais ao enredo.

Baseamos nossa proposta nos métodos de trabalho com letramento literário e leitura propostos por Cosson (2006) levando em consideração as quatro etapas da sequência básica de leitura que são: motivação, introdução, leitura e interpretação, para que assim possamos desenvolver as leituras com os alunos de forma contínua. Assim sendo, apresentamos a seguinte proposta.

Proposta de trabalho com os contos a partir do roteiro de letramento literário e sequência didática

Inicialmente, o professor pode trabalhar o conto “As Formigas”, mas antes de ser feita a leitura precisa construir uma motivação para que os alunos fiquem interessados em ler o conto e isso pode ser feito por meio da temática mistérios. O docente procura saber o que os alunos conhecem e acreditam ser os mistérios, fazendo algumas perguntas para que cheguem um conceito. Pode perguntar aos alunos o que eles entendem por mistérios? Se já viram ossos de mortos? Se já assistiram algum filme sobre mistérios? Se já leram algum livro ou algum texto relacionado a essa temática? Com essas perguntas e esse momento de sondagem do conhecimento prévio dos alunos, instigará eles a pensarem sobre a temática e assim será desenvolvida a etapa de motivação para a leitura.

Feito isso, parte para o momento de introdução feito por meio da contextualização do texto. Apresenta-se a proposta de leitura do conto “As Formigas” e o professor deve explicar para os alunos que essa narrativa foi escrita pela autora brasileira Lygia Fagundes Telles e apresentar brevemente a escritora e o livro no qual o conto foi publicado.

Após esse momento de contextualização, partimos para a etapa de leitura, na qual inicia-se a leitura em voz alta do conto, para que todos os alunos possam

acompanhar e assim desenvolver uma leitura coletiva da narrativa. Terminada a leitura seguem para a etapa de interpretação e análise do conto.

Nesse momento o professor deve agir como mediador entre o aluno e o texto, para contribuir no processo de interpretação, mas antes disso deve questionar os alunos sobre o que acharam do conto e fazê-los perceber que a opinião deles sobre a narrativa é importante, pois gostar ou não de uma obra é uma parte importante do processo de formação de leitores.

A partir daí, é importante que sejam feitas algumas inferências para que os alunos compreendam as entrelinhas da história. No caso do conto “As Formigas”, por meio de questões que gerem uma discussão o professor pode levar os alunos a compreenderem os pequenos detalhes da trama, como por exemplo: Como é desenvolvida a construção do ambiente em que se desenvolve o enredo? Esse ambiente possibilita a criação de uma atmosfera sombria e enigmática? Ou fazer com que os alunos percebam que toda vez antes das formigas aparecerem a narradora sonha com um anão, e que esse fato possui um significado dentro do texto.

Refletir a respeito da construção das personagens femininas na narrativa e diversas outras inferências podem ser feitas, para que eles entendam que no momento da leitura de um texto devemos nos atentar aos mínimos detalhes, pois nas obras literárias cada detalhe é importante.

No momento de análise do conto, o professor pode construir junto com os alunos o conhecimento da estrutura desse gênero narrativo. Identificando o tipo de narrador, espaço, tempo, clímax e demais aspectos por meio da leitura, sem que esse seja o foco principal da análise, mas de forma que os alunos compreendam que ao fazerem a leitura de um conto devem se atentar a essas características para que possam ter uma melhor compreensão da narrativa e não deixem escapar nenhum detalhe.

Nessa primeira parte da proposta, na qual trabalhamos com o conto as formigas seguimos a sequência básica de leitura proposta por Cosson (2006) para orientar nossas atividades. Realizamos a primeira etapa, a motivação, por meio da abordagem da temática de mistérios, esperando que por meio dessa discussão os alunos se familiarizassem com o conteúdo principal dos textos. A etapa de

introdução como é colocado pelo autor, consiste na apresentação do autor, aproveitamos esse momento para apresentar o livro do conto que escolhemos e introduzir, de forma breve, os alunos a escrita da Lygia Fagundes Telles.

Na terceira etapa da sequência realiza-se o momento de leitura com acompanhamento do professor, optamos por realizar uma leitura em voz alta para que os alunos pudessem mergulhar nas entrelinhas do conto e ter uma experiência na qual pudessem imaginar os acontecimentos do conto durante a narração. É na última etapa da sequência que Cosson propõem o momento de interpretação do texto, escolhemos realizar junto a esse momento a análise do conto para que os alunos pudessem compreender e observar as mais diversas linhas interpretativas do conto.

Em um segundo momento, será entregue aos alunos o conto “Venha Ver o Pôr do Sol”, para que eles façam uma leitura individual. Depois desenvolver uma roda de discussão para que os alunos compartilhem suas interpretações do texto. Dessa vez eles devem iniciar a discussão e o professor pode fazer perguntas para guiar esse momento, como por exemplo:

1. Como o ambiente em que se passa o conto foi desenvolvido?
2. Rachel está satisfeita com o programa escolhido por Ricardo?
3. De que forma Ricardo tenta convencer Rachel a continuar o passeio?
4. Qual motivo de Ricardo ter escolhido um lugar tão distante para passear com a moça?
5. Por qual motivo vocês acreditam que Ricardo decidiu trancafiar Rachel?
6. Esperavam esse desfecho ou nem se quer imaginavam as intenções do Ricardo?

Devemos salientar que essas questões podem ser feitas durante o momento de interpretação para que os alunos possam construir as inferências sobre o texto e a interpretação e análise do conto seja desenvolvida de forma coletiva. Nesse momento pode perguntar aos alunos se eles conseguem notar diferenças e semelhanças entre as duas narrativas e assim podemos explicar as características comuns na construção das narrativas de mistério que envolvem o universo fantástico.

Após o término da análise, sugerimos que se desenvolva um momento para que os alunos compartilhem suas experiências pessoais de leitura e comente o que acharam do conto, se conseguiram entender, se acharam chato ou esse seria um tipo de leitura que eles poderiam se acostumar a fazer pelo simples prazer de ler, para que o professor consiga identificar se o objetivo da aula proposta foi atingido.

Por fim, o professor pedirá aos alunos que pesquisem contos para que possam fazer uma roda de leitura em um próximo encontro. Eles podem escolher narrativas de diversos autores que apresentem temáticas de mistério.

No desenvolvimento do trabalho com o segundo conto não seguimos à risca a proposta da sequência didática de leitura proposta por Cosson, pois esperamos que no segundo momento de leitura em sala os alunos, com auxílio do professor, desenvolvessem uma discussão de análise e interpretação do conto no qual pudessem mergulhar no texto sem seguir uma linha de leitura tão estruturada, para que assim os leitores iniciantes fossem guiados pelo conto a compreensão/dedução das outras informações e temáticas ligadas à história.

No momento de compartilhamento das narrativas pesquisadas, os alunos devem ler os contos escolhidos e comentar sobre o enredo, o motivo pelo qual escolheu o conto e juntamente com a sala fazer as interpretações. Caso alguns alunos tenham escolhido o mesmo conto, devem se juntar para fazer a leitura, mas cada aluno deve compartilhar a sua experiência de leitura.

Com essa proposta esperamos que os alunos consigam compreender um pouco sobre a construção dos contos, de um modo geral, e das narrativas de mistério. E percebam que mergulhar no texto e identificar os seus mínimos detalhes é um processo importante no momento de leitura para que consigam compreender de fato o que está sendo lido, e passem a ver a leitura como um processo prazeroso e não entediante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa podemos compreender como se deu o início do ensino de literatura e como as problemáticas que envolvem o trabalho com os textos literários remetem ao seu processo de escolarização. Apesar de possuir um caráter humanizador capaz de contribuir na formação crítica e social dos estudantes, as obras acabam por ser tornar um objeto para estudo de outros fins, que não priorizam a leitura, análise, compreensão e apreciação desses textos.

Esses aspectos ligados ao fato de que o ensino de literatura só é obrigatório no ensino médio, última etapa da educação básica do alunado brasileiro, faz com que os alunos tenham um contato tardio com as obras clássicas, indicadas pelos programas de leituras das propostas curriculares da rede de ensino, dificultando processo de formação de leitores nessa fase de ensino, pois por mais que tenham tido contato com textos literários no ensino fundamental, é nesse momento que os alunos serão apresentados as obras enquanto objeto de estudo da disciplina literatura.

Dessa forma, a cronologia adotada nessa disciplina visando um estudo que prenda os alunos a características e obras de cada escola literária, muitas vezes, impossibilita o processo de letramento literário e interação dos alunos com os textos, pois as temáticas e linguagem utilizadas em determinadas narrativas não prendem a atenção dos leitores, fazendo com que eles não se interessem por essas leituras.

Assim sendo, essa pesquisa nos possibilitou refletir a respeito de um gênero literário que proporcionasse a interação entre os alunos e o texto, para que assim pudessemos desenvolver o letramento literário. Percebemos que os contos nos proporcionaria o desenvolvimento de uma proposta, capaz de atender as especificidades dos alunos do primeiro ano do ensino médio e fazer a leitura de uma obra na íntegra para que eles compreendessem as entrelinhas desses tipos de textos.

Vale salientar que os contos possuem características gerais que proporcionam a criação de um texto sucinto, capaz de abranger todos os aspectos que envolvem uma narrativa, possibilitando um trabalho que permita ao aluno uma experiência de leitura cativante, analítica e estrutural.

Compreendemos por meio desse estudo, que no momento de escolha das obras a serem trabalhadas em sala de aula o horizonte de expectativas e as opiniões dos alunos também devem ser levadas em consideração. Por esse motivo aprofundamos nossos estudos sobre os contos de mistérios e percebemos que, geralmente, esse tipo de texto encanta a seus leitores por meio de seus enredos que possuem temáticas enigmáticas e assim os prendem pelas emoções as suas entrelinhas e cativam os mais diversos públicos.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento dessa pesquisa nos possibilitou a criação de uma proposta de leitura dos textos literários, de forma que o aluno possa interagir de forma direta com o texto, visando o letramento literário e o despertar do interesse pelas obras. Para que compreendam que a leitura se faz necessária no processo de estudo e ensino de literatura e que esse não precisa ser um momento de entediante e cansativo, mas sim um processo prazeroso de encontro com as obras literárias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.S.P. **Literatura e Ensino: perspectivas metodológicas**. In: Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE, 2014, ano 8, n.8.
- _____. **Linguagens, Leituras e Práticas Docente**. In: Aprender ensinando, ensinar aprendendo: diálogos entre formação, saberes e práticas docentes. Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 35-52.
- ALMEIDA, S. **O inútil indispensável: considerações sobre literatura e ensino no Brasil**. In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC. Campina Grande, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão**. Brasília, DF, 2017.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria da Educação do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**, Brasília: MEC, 2000.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ministério da Educação. Brasília, 1997.
- BELLIN, G. **Edgar Allan Poe e o Surgimento do Conto Enquanto Gênero de Ficção**. Anuário de Literatura, ISSNG: 2175-7917, VOL. 16, N.2, P. 41-53, 2011.
- CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura para pequenos médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CARVALHO, A.S. **Literatura em Sala: Discutindo conceitos, repensando saberes, elaborando propostas**. In: Língua e Literatura no Ensino Médio: propostas. Campina Grande - PB: EDUEFCG, 2017.
- CORTÁZAR, J. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- COSSON, R. J. M. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- COSTA, M. M. **Teoria da Literatura II**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Concepções de linguagem e ensino de português**. A redação na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOTLIB, N. B. **“Teoria do Conto”** – 1ª edição – São Paulo: Ática, 2006.
- LAMAS, B. S. **Lygia Fagundes Telles: Imaginário e a Escrita do Duplo**. Tese de doutorado. Porto Alegre - RS: UFRGS, 2002.
- MOISÉS, M. **A Criação Literária: Prosa I**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOUUS, R. **Teorias da adolescência**, Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

PERNAMBUCO. **Parâmetros para educação básica do estado de Pernambuco**. Parâmetros curriculares de língua portuguesa para o ensino fundamental e médio. 2012.

RAMOS, J. **As narrativas de mistério**. Mediação, Belo Horizonte, v.15, n.16, jan/jun de 2013.

RIBEIRO, J. S. **Mistérios de Lygia Fagundes Telles: Uma Leitura Sob a Óptica do Fantástico**. Dissertação de Mestrado. Campinas – SP: UNICAMP, 2008.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. **Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência**. In revista **Psicologia: Teoria e pesquisa**. UNB, 2012, V 28 N 1.

SOARES, Â. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. In: *Antes do Baile Verde Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **As Formigas**. In: *Seminário dos Ratos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Venha Ver o Pôr do Sol**. In: *Antes do Baile Verde Contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZILBERMAN, R.. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Global, Campinas, SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2008.